

istianismo

me desvendada

fidelidade

pobre paga

s curas e

idas do amor

ologias da guerra

da em família

vem voluntário

ndamentos

n moral

eganistão

lher

CA: o que é?

pa da fé

ntido da caridade

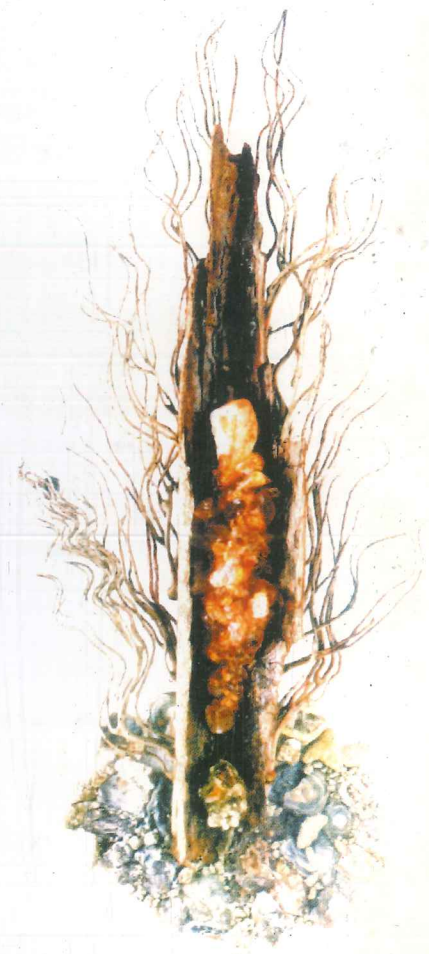
libato do clero

cravos da dívida

âmicas de grupo

e muito mais.

51 fato e razão



MOVIMENTO
FAMILIAR
CRISTÃO

NESTE NÚMERO:

Cristianismo

Dois artigos lúcidos de grandes teólogos resgatam a essência do ser cristão e prática do amor. Pag. 2 e 46.

Fome

O homem das Nações Unidas especialista em fome veio e andou pelo Brasil. Falou o que viu. O governo não gostou da revelação da realidade. Mas ela aí está. Pag. 5

Infidelidade

Haverá casos em que se justifica? Como lidar com o problema. Pag. 8

O pobre é quem paga

Desastres da natureza no Brasil castigam mais os pobres que os ricos. Pag. 12

Das curas e feridas do amor

Uma comovente e poética abordagem do que mistério do amor, central na fé dos cristãos. Pag. 16

Teologias da guerra

Os casos em que a guerra tem sido justificada e a postura radical de João XXIII contra qualquer guerra. Pag. 22

Vida em família

Destacam-se as condições básicas para a família exercer suas funções. Pag. 34

Jovem voluntário

Como o voluntariado praticado por jovens estudantes podem mudar a escola. Pag. 38

Fundamentos sem moral

Uma crítica contundente e bem fundamentada do modelo econômico, por um grande mestre. Pag. 51

Afeganistão

A maioria dos leitores certamente desconhece o que esse país carrega de história e os monumentos valiosos, muitos agora destruídos. Pag. 54

Mulher

Subordinação ou cuidado? - pergunta o autor. Vale a pena ler e refletir. Pag. 57

ALCA

Para entender essa questão que mobiliza o povo, como ameaça para o futuro. Pag. 59

Mapa da fé

Os indicadores do censo surpreenderam muita gente no campo das religiões. Os números questionam e fazem pensar. Leia com atenção. Pag. 66

Sentido da Caridade

Revalorização das ações assistenciais e promocionais para reverter a pobreza crescente. Pag. 68

Celibato

Mais uma análise da questão do celibato obrigatório de clero e sua relação com o crescimento dos casos de pedofilia. Pag. 70

Escravos da dívida

O problema do trabalho escravo está sendo enfrentado pelo governo mas os proprietários de terras desmascarados não foram punidos até agora. Pag. 72

Dinâmicas de grupo

Continuam as sugestões de trabalhos de grupo apropriadas para as mais diversas situações. Pag. 74

... e muito mais.

Capa:

"Composição" - Selma Amorim
Cristais e pedras semipreciosas com vegetais sobre acrílico.

fato e razão 51

Movimento Familiar Cristão Conselho Diretor Nacional

Maria Sebastiana (Sebá) Leão
J. Geraldo e Ma. do Carmo Silva
Mainá e Mara Souza
Veridiano e Ivonete Borges
Tales e Ma. Thereza Silva
Carlos Alberto e Ma. Nilza Mendes
João e Eliana Prior
Geraldo Rizzo e Ineusa Bomeisel
Maria Aparecida Eduardo
Elias e Hermínia Mariano
Mariza Leão
Luiz Carlos e Rita Martins

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Assinaturas, Encomendas, Revendas e Correspondência

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento aos Assinantes
R. Vde. do Rio Branco, 633/1002
24020-005 Niterói - RJ
Tel/Fax (21) 2717-4878
E-mail: texere@uol.com.br

Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952 E-mail:
rragone@powerline.com.br

Agência Promoção de Vendas
Atendimento Revendedores MFC
Rua Goiás, 132
20756--120 Rio de Janeiro-RJ
Tel. (21) 2215-1401
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Data desta edição: Agosto 2002.

Sumário

Cristianismo, o mínimo dos mínimos, 2 *Leonardo Boff*
A fome, segundo Ziegler, 5 - Emir Sader
Infidelidade: haverá casos em que se justifica? 8 - Deonira Viganó La Rosa
O pobre é quem paga, 12 *Helio e Selma Amorim*
Das curas e feridas do amor, 16 *Ivone Gebara*
Jesus e o fundamentalismo, 19 *Jorge La Rosa*
No silêncio da noite, 21 - Beatriz Reis
Teologias da Guerra, 22 - Frei Betto
O prazer, 24 - Rubem Alves
Não fique assim tão sério, 27
Amar é com homens e mulheres, 30 *Emir Sader*
O sermão da Rosa, 33 - Antonio Allgayer
Vida em Família, 34 - Marco Antonio Fetter
Foto, fato, razão, 37
Jovem Voluntário, escola solidária, 38 *Frei Betto*
Soneto, 41 - Jorge Leão
Os deuses não salvaram a América, 42 *Frei Betto*
Carnaval de Igrejas, 44 - Leonardo Boff
Cristianismo, 46 - Faustino Teixeira
Fundamentos sem moral, 51 - Milton Santos
Afeganistão, a barbárie ocultada, 54 *Miguel Urbano Rodrigues*
Mulher, subordinação e cuidado, 57 *Jorge La Rosa*
Para entender a ALCA, 59 - Helio Amorim
Em ti está a fonte da vida, 62 *Marcelo Barros*
Um copo de leite, 64
Os cartunistas, 65 - Henfil
O mapa da fé, 66 - Frei Betto
O sentido da caridade, 68 - J. B. Libânio
Celibato e pedofilia, 70 - Frei Betto
Escravos da dívida, 72
Dinâmicas de grupo, 74 - Maria Sílvia Crusiol
Não corra tanto, 80

Cristianismo

- o mínimo dos mínimos

Leonardo Bor

Se um imigrante coreano que nada sabe de cristianismo me pegasse pelo colarinho e me perguntasse: "vem cá, me diga em duas palavras, o que é o cristianismo?" Que diria? Não sei.

Talvez para sair da perplexidade o mandaria para uma favela onde trabalham as Irmãzinhas de Jesus, do Padre Foucauld, no meio dos mais pobres dos pobres. Aí pelo menos veria o que pode o cristianismo em termos de amor e compaixão para com os que mais sofrem. Ou manda-lo-ia para Ouro Preto para ver o que a fé cristã produziu em termos de arte. Ou manda-lo-ia ouvir a missa do Pe. Maurício, cantada pelos Canarinhos de Petrópolis para deixar-se tomar pelo enlevo espiritual que ela suscita.

Mas se ele me dissesse: "Fora com tudo isso, pois você me apresenta apenas expressões culturais. O que eu quero é saber o mínimo do mínimo do Cristianismo. Que propõem, finalmente, os cristãos? Em duas palavras!"

Seguramente é possível dizer em duas palavras o que seja o cristianismo. Se não, que sentido teria para uma pessoa comum, que não é teóloga? É uma questão que

muitos colocam, também os cristãos.

As Igrejas complicaram tanto a resposta que elas mesmas perderam o sentido do essencial. Geralmente anunciam a si mesmas ao invés do cristianismo.

Ou nos apresentam o Catecismo da Igreja Católica com 744 páginas e 2858 números. Aí se crê que está todo o arsenal da fé cristã. Mas, perdoa-me Deus, não vou castigar o coreano com esse Catecismo. Seguramente sairia correndo, assustado, ou o usaria como arma sobre minha cabeça.

Essa questão me reporta ao primeiro século de nossa era, quando um dos torturadores de cristãos perguntou de chofer a um mártir: "Afimal, o que é o cristianismo"? Ele respondeu secamente: "Dico tibi mysterium simplicitatis", (digo-te: um mistério de simplicidade). Que mistério é esse?

As Atas dos Mártires não recolheram a resposta. Talvez

a melhor leitura

para você e sua família

fato

e razão

Revista trimestral de formação, evangelização, orientação familiar e conscientização social, do **MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO - MFC**

Artigos selecionados, temas de discussão para reuniões de grupos, seções variadas de interesse de jovens e adultos, casais e famílias, análises da conjuntura do país e do mundo.

FAÇA OU RENOVE HOJE MESMO A SUA ASSINATURA*
OURO 6 NÚMEROS - R\$ 27,00 - PRATA 4 NÚMEROS - R\$ 18,00

NOME DO ASSINANTE:.....
ENDEREÇO:
CEP..... CIDADE..... EST.....
TEL..... ASSINALE O TIPO DE ASSINATURA: OURO - PRATA
(Se for presente, coloque seu nome:)

Dê assinaturas de presente aos seus amigos. Eles vão gostar!

NOME DO ASSINANTE:.....
ENDEREÇO:
CEP..... CIDADE..... EST.....
TEL..... ASSINALE O TIPO DE ASSINATURA: OURO - PRATA
(Se for presente, coloque seu nome:)

*Preços válidos para o ano 2002.

Envie seu pedido à **Distribuidora MFC de Fato e Razão**, com cheque cruzado nominal ao **MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO**.

Rua Visconde do Rio Branco, 633 / 1002

CEP 24020-005 Niterói - RJ

Informações: Tel/fax (21) 2717-4878 ou e-mail: texere@uol.com.br

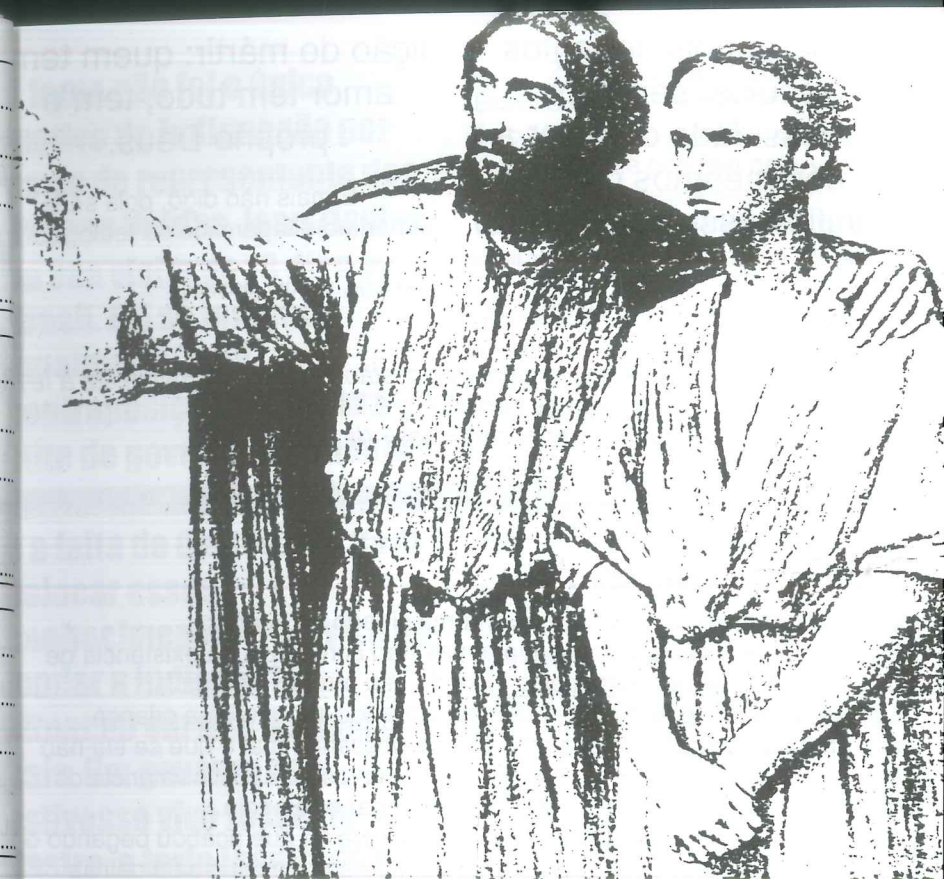
NOME DO ASSINANTE:.....
ENDEREÇO:
CEP..... CIDADE..... EST.....
TEL..... ASSINALE O TIPO DE ASSINATURA: OURO - PRATA
(Se for presente, coloque seu nome:

NOME DO ASSINANTE:.....
ENDEREÇO:
CEP..... CIDADE..... EST.....
TEL..... ASSINALE O TIPO DE ASSINATURA: OURO - PRATA
(Se for presente, coloque seu nome:

NOME DO ASSINANTE:.....
ENDEREÇO:
CEP..... CIDADE..... EST.....
TEL..... ASSINALE O TIPO DE ASSINATURA: OURO - PRATA
(Se for presente, coloque seu nome:

NOME DO ASSINANTE:.....
ENDEREÇO:
CEP..... CIDADE..... EST.....
TEL..... ASSINALE O TIPO DE ASSINATURA: OURO - PRATA
(Se for presente, coloque seu nome:

NOME DO ASSINANTE:.....
ENDEREÇO:
CEP..... CIDADE..... EST.....
TEL..... ASSINALE O TIPO DE ASSINATURA: OURO - PRATA
(Se for presente, coloque seu nome:



porque era tão evidente que nem
alia a pena registrá-la por escrito.
las nós que perdemos a inocência
atinal, não sabemos mais nada.
or isso, a questão do torturador e
o coreano permanece ainda válida.

Mas podemos imaginar o que
mártir teria dito: "Deus nos amou
nto que se fez também um de nós.
nos amou até o fim, mesmo
uando nos fizemos seus inimigos.
ois, o pregamos na cruz. Mas, por
urpresa de todos, ressuscitou ao
erceiro dia. E agora está aqui em
osso meio. De sua boca ouvimos e
a sua vida aprendemos: quem tem

o amor tem tudo, pois o amor é o
nome próprio de Deus. Por isso,
devemos amar a todos,
incondicionalmente, como te amo a
ti que me torturas e me condenas à
morte".

Bem, se sob esse "mistério
da simplicidade" entendermos tal
coisa, podemos dizer que se trata
do mínimo do mínimo. E essa
resposta honra os cristãos.

Pena que não vivemos
conforme esse minimalismo
essencial. Teríamos menos ódios e
menos impiedade face aos pobres e
excluídos.

Hoje, depois de tantos séculos, sentimos necessidade de dizer a nós mesmos o que significa esse "mistério de simplicidade". Por minha parte, repetiria a mesma

lição do mártir: quem tem amor tem tudo, tem o próprio Deus.

E mais não digo, pois seria supérfluo e tagarelice de teólogo.

**Teólogo, filósofo, escritor.*

- ❖ Qual é mesmo a essência da fé dos cristãos? Como se manifesta a fé?
- ❖ O que pensar da fé sem as obras? (Tg 2, 14ss)
- ❖ O que dá sentido às práticas religiosas? (Is 1, 10-20)

"Se Deus existisse..."

Damião era dono de uma farmácia numa cidade do interior. Era um homem bastante inteligente mas não acreditava na existência de Deus ou de qualquer outra coisa além do seu mundo material. Um dia, estava ele fechando a farmácia quando chegou uma criança aos prantos dizendo que sua mãe estava passando mal e que se ela não tomasse o remédio logo iria morrer. Muito nervoso e após insistência da criança, resolveu reabrir a farmácia para pegar o remédio. Sua insensibilidade diante daquela situação era tal que acabou pegando o remédio no escuro, entregou-o à criança, que agradeceu e saiu dali às pressas. Mas logo percebeu que havia entregado o remédio errado para a criança e, se aquela mãe o tomasse, seria morte instantânea. Desesperado, tentou alcançar a criança mas não conseguiu. Gritou em desespero... O tempo passava e nada acontecia. Sem saber o que fazer e com a consciência pesada, ajoelhou-se e começou a chorar e dizer que se realmente existisse um Deus que não o deixasse um assassino. O tempo passava e ele, de joelhos ficava pensando que a mulher poderia estar morta e, certamente, ele teria de pagar por isso. Refletiu sobre sua insensatez. De repente, sentiu uma mão tocar-lhe o ombro. Ao virar-se deparou com a criança em prantos. Naquele momento ficou desconsolado. Reforçou a certeza: Deus, de fato, *não existia*. Já podia imaginar o que estava para lhe acontecer. O choro e o olhar triste daquela criança lhe atravessava a alma. Então, com muito medo, perguntou ao menino o que lhe havia acontecido. A criança começou a dizer: "Senhor, por favor não brigue comigo, mas é que caí e quebrei o vidro do remédio, dá pro senhor me dar outro?"

A fome não foi o único motivo de indignação por parte do representante das Nações Unidas, Jean Ziegler, na sua visita de 18 dias ao Brasil. Ele se indignou igualmente pela contraposição entre uma elite de governo altamente preparada intelectualmente e a falta de disposição para colocar esses conhecimentos a serviço de mudar a indignante situação em que deixam o país. Um governo que, estivesse vivo Josué de Castro, o teria insultado e entaria desmoralizá-lo como ignorante do que se passa no Brasil, da mesma forma que tentou fazer com Jean Ziegler.

A fome
segundo Ziegler

mir Sader*

Ziegler conhece muito bem o Brasil e a fome no mundo. De seu livro "A fome no mundo explicada a meu filho", ele nos fala dela.

A FAO avalia em seu último relatório em mais de trinta milhões o número de pessoas mortas de fome em 1999 e, para o mesmo período, em mais de oitocentos e vinte e oito milhões os seres atacados pela desnutrição grave e permanente.

Cento e quarenta e seis milhões de cegos vivem nos países da África, da Ásia e da América Latina. Todo ano sete milhões de pessoas, normalmente crianças, perdem a vista, na maioria das vezes por falta de uma alimentação suficiente ou como consequência de doenças vinculadas ao subdesenvolvimento.

A FAO elaborou, há mais de



quinze anos, um relatório em que observava que o mundo, no estado atual das forças produtivas agrícolas, poderia alimentar sem problemas a mais de 12 bilhões de habitantes, isto é, ao dobro da população mundial atualmente. Alimentar quer dizer dar a cada homem, mulher e criança uma ração equivalente a duas mil e quatrocentas calorias diárias, dado que as necessidades alimentares variam segundo os indivíduos em função do trabalho que realizam e das zonas climáticas de onde provêm.

"Em Crato, no Ceará, ao lado do cemitério católico oficial eu vi um vasto campo semeado de pequenas colinas: "crianças anônimas", me disse Cícero, meu amigo camponês que me recebeu.

Crianças anônimas, mortas nos primeiros dias ou semanas de sua chegada a este mundo, de fome, de rubéola, de diarreia ou de desidratação. Seus pais são pobres demais para registrá-las na prefeitura, mesmo se legalmente deveriam tê-lo feito. A prefeitura cobra um real ou dois pelo registro, então o pai, a mãe ou um irmão maior que sobreviveu, pegam o corpinho inerte durante a noite, fazem um buraco no "campo das crianças anônimas" e introduzem o recém-nascido da família.

A cada minuto nascem duzentas e cinquenta crianças no mundo, cento e noventa e sete delas em um dos cento e vinte e dois países do Terceiro Mundo. Muitos deles chegam a uma dessas zonas de túmulos anônimos pouco depois de seu nascimento. Atualmente se utiliza um quarto da



colheita mundial de cereais para alimentar o gado dos países ricos. As doenças cardiovasculares devidas à super-alimentação provocam entre nós, na Europa, cada vez mais vítimas, enquanto que em todo o Terceiro Mundo os homens morrem de desnutrição.

No Médio Oeste norte-americano e na Califórnia, os bois são alimentados com cereais em imensos recintos climatizados que eles denominam feed lots, por meio de um sistema eletrônico de distribuição pautada do alimento. A quantidade de milho consumido anualmente pela metade dos feed lots californianos é mais importante que o conjunto das necessidades de um país como Zâmbia, onde este

cereal é um alimento essencial e, em compensação, está devastado por uma subalimentação crônica.

Não conheço nenhum colégio em que o tema da fome, que a cada dia mata mais gente do que todas as guerras juntas do planeta, figure em seu programa. Não existe nenhum tipo de curso em que o problema da fome seja analisado, seja discutido, em que se examinem suas raízes e os meios de acabar com ela.

A FAO está mais ou menos brigada a mentir sobre as perspectivas de futuro, pois se não fizesse, os países ricos deixariam de mandar para Roma consideráveis somas de dinheiro,

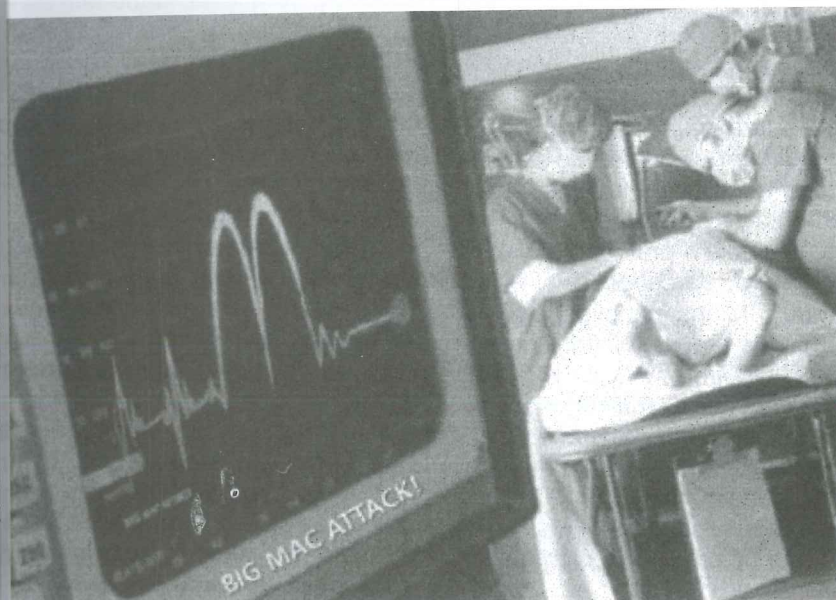
porque deixariam de considerá-las úteis.

É uma mentira piedosa. Relatório de 1974 terminava com esta promessa: "Em seis anos não haverá homem, mulher ou criança na terra que tenha que ir para a cama com a barriga vazia." E o Fórum Mundial sobre Alimentos de 1996, em Roma, concluía assim: "No ano 2015 conseguiremos que o número de pessoas que sofrem fome no mundo diminua pela metade".

A promessa de 1974 deu no seu contrário: o número de necessitados aumentou. A de 1996 parece que também será falsa.

**Emir Sader é jornalista e escritor.*

*Na nossa cidade há fome visível? Haverá fome invisível?
Se há famílias passando fome, quais são as causas principais?
Há algum movimento social ou religioso enfrentando o problema?
O que mais se pode fazer para reverter a fome e a miséria?*



Infidelidade

- haverá casos em que ela se justifica

Deonira L. Viganó La Rosa*

Uma característica humana quase universal é a busca de justificativas para nossas ações, alguma fórmula através da qual possamos dizer que nossas ações não são culpa nossa: "Eu tive uma infância infeliz", "Eu devia estar fora de mim".

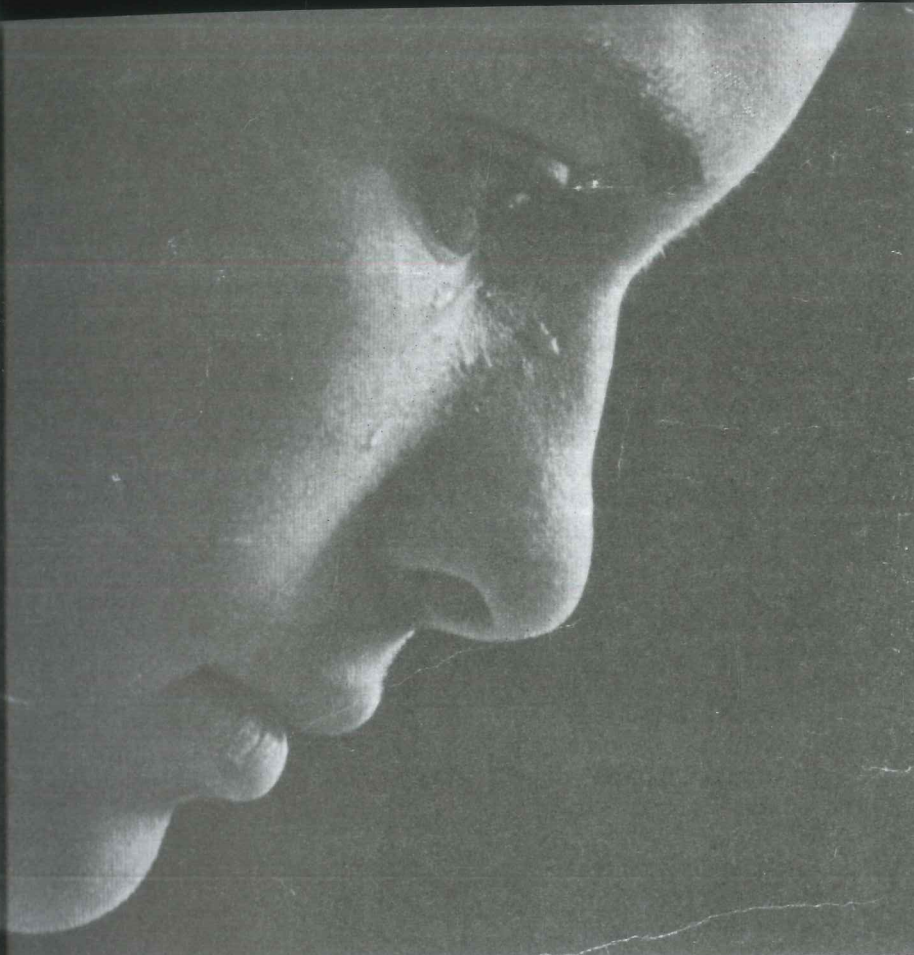
Aquele que é tentado a ser *infiel no casamento* pode justificar-se pensando: "A infidelidade é natural e *todo mundo* faz isso", "Ter um caso fora do casamento ajuda a melhorar a relação dentro do casamento", "Uma relação extraconjugal é a prova de que o amor entre os parceiros já terminou", "Minha infidelidade é apenas *uma reação* à infidelidade do meu parceiro", "A *outra* é mais sexy do que minha mulher, e eu sinto por ela uma forte atração", "Estou casada com alguém que não me dá satisfação sexual", "O meu parceiro é o culpado pelo meu caso", "Meus casos não magoam

ninguém e ninguém tem nada a ver com isso", etc.

Estas explicações não deixam de ser ingênuas. Não passam de desculpas e mitos. As pessoas que se sentem culpadas querem descarregar o problema em alguém e de alguma maneira estabelecer que elas próprias não têm responsabilidade.

Ao buscar as razões da infidelidade, temos de ser específicos, ou começaremos a acreditar nos mitos sobre infidelidade, o que nos deixaria incapazes de lidar com ela. As razões para a infidelidade têm a ver com a pessoa que está tendo o caso, e não com a pessoa contra quem está sendo cometida. Embora você saiba que, no casamento, *cada um dos parceiros colabora com a maior ou menor responsabilidade pelo que acontece a ambos*, você nunca pode culpar-se pelas ações de uma outra pessoa. Por outro lado, também é verdade que *uma pessoa pode estar dando seu consentimento implícito para que outro permaneça infiel*.

O impulso para a infidelidade não é privilégio de um ou outro humano. Ele está presente no animal que reside em todos nós. Em relação às imaginações e aos seus impulsos; além de um ser



biológico ele é, também, um ser psicológico e espiritual. A existência do impulso não justifica a decisão de agir segundo o mesmo. O ser humano, se é sadio, competente e maduro, *toma decisões* em relação a obedecer ou não aos seus impulsos. Todos nós temos fantasias sexuais e é uma experiência gratificante saber que não iremos agir de acordo com todas essas fantasias. Sentir culpa em relação às imaginações e aos impulsos é doentio e sem sentido.

Importante é o casal reconhecer que no casamento acontecem os mais variados sentimentos como amor, ódio, desagrado, inveja, raiva, agressão, dependência, dor, medo e outros.

Seria simples demais tentar reduzir essa complexidade da relação a um ou dois fatores e usá-los como justa explicação à própria infidelidade.

Continua na página seguinte

"Meu marido me traiu. E agora?"

A infidelidade é uma das experiências mais temidas e devastadoras de um casamento. É uma fonte de angústias e amarguras.

A maior ameaça (a mais séria traição da confiança) seria a infidelidade sexual. Mas almoçar secretamente com um antigo amante pode ser uma ameaça maior do que transar com uma prostituta. A infidelidade não está no sexo, necessariamente, mas no segredo, na traição da confiança. Relacionar sexo com traição, com pecado e infidelidade é algo que aprendemos da cultura e da religião, sobretudo. Entender e aceitar que uma traição sexual pode ter a mesma valência que uma traição em outra área é importante para quem tem de lidar com esse tema.

Há um tipo de infidelidade, a *infidelidade sexual accidental*, que merece especial reflexão. Trata-se daquela infidelidade que aparece como um acidente e que está fora dos padrões usuais de comportamento dos cônjuges. Por trás dela podem estar vários motivos, como a *curiosidade* em experimentar sexo com alguém diferente, o *excesso de polidez* que vê deselegância em não aceitar um convite para a relação, *um amigo de verdade* com o qual não se consegue manter amizade sem descambar em relação sexual, ou, *um dia ruim e deprimente*, quando a necessidade de estar perto de alguém e ser acariciado é confundida com a vontade de fazer

sexo. O desejo ou a intenção de trair o parceiro não existe, embora isso não tire a responsabilidade do ato.

Esta infidelidade accidental e não planejada pode aparecer uma única vez e denotar um *momento de fraqueza humana*, ser a expressão da condição criatural do homem e da mulher. O homem é um ser capaz de reverter a ordem da criação, de desordenar o Projeto de Deus.

Se isto acontecer, os parceiros necessitarão exercer um mútua compreensão e *formular juntos a correção da rota de suas vidas* - é evidente que, para isso, é preciso relatar o acidente, assumir responsabilidade pelo erro e evitar qualquer sugestão de culpa do cônjuge traído.

O sofrimento e as crises fazem parte da caminhada. Não será um acidente que acabará com uma relação. Seria ingenuidade pensar que a reconstrução da relação impede ao parceiro traído de sentir-se zangado, assustado, inseguro, insultado. Não só não impede, como permite que diga como se sente e o quanto está magoado: essa abertura pode ser o primeiro passo para a solução do problema. Você tem muitas outras emoções além da sua raiva. Muitas coisas unem vocês, além desse momento de queda. O propósito da conversa deve ser compreender a questão e as emoções e não determinar quem é o vencedor.

Dessa problemática, ambos devem sair vitoriosos, nenhum ganhador ou perdedor. O perdão, a oração e a ajuda de Deus são imprescindíveis. Acontecerá assim em "novo casamento", com o

mesmo parceiro; um "contrato novo", do qual não faz parte a infidelidade.

**Terapeuta de Família. Mestre em Psicologia.*

Concordamos ou discordamos destas colocações sobre a infidelidade conjugal? É comum esse comportamento no nosso meio social? Como reagem as pessoas envolvidas quando o problema se apresenta? Trata-se de um desastre fatal? O desfecho costuma ser separação ou superação? Cabe nesses casos o que costumamos repetir cada dia: "... assim como perdoamos a quem nos tem ofendido" - ou se trata de uma exceção sem perdão? Um apoio "de fora", profissional ou não - pode ser necessário?

Pesquisa...

ONU resolveu fazer uma grande pesquisa mundial. A pergunta era: **Por favor, diga honestamente, qual sua opinião sobre a escassez de alimentos no resto do mundo.**

O resultado foi desastroso. Um fracasso total.

Os europeus não entenderam o que é "escassez".

Os africanos não sabiam o que era "alimentos".

Os argentinos não sabiam o significado de "por favor".

Os norte-americanos perguntaram o significado de "o resto do mundo".

Os cubanos estranharam e pediram maiores explicações sobre "opinião".

Certos políticos brasileiros ainda estão discutindo o que é "honestamente".

Leia e assine Rede - uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial, nacional e internacional.

Escrevem Andrea Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio Amorim, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Victor Valla, Virgílio Uchoa e muitos outros articulistas.

Basta telefonar para a Rede de Cristãos das Classes Médias e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

O pobre é quem paga

Helio e Selma Amorim*

Não temos vulcões, terremotos, tornados ou vendavais. Incêndios florestais acontecem mas não chegam aos pés do macro fogaréu recente na Austrália. Nos países sujeitos a esses desarranjos da natureza, pagam igualmente ricos e pobres. Os tornados do Caribe e Flórida derrubam casas de uns e outros. Terremotos no Japão ou Califórnia, e gigantescos incêndios florestais na Austrália destroem vidas e bens das classes médias. No nosso país, misteriosamente preservado desses tipos de catástrofes, as mortes e prejuízos materiais são causados pelas chuvas, com suas enchentes nas áreas baixas e deslizamentos de terras nas encostas dos morros e serras urbanas. Justamente onde moram os pobres. É um tipo de desastre ecológico "preconceituoso": preserva o rico que tem muito e destrói o pouco que o pobre possui. Inclusive a sua valiosa pobre vida.

Logo que ocorre o aguaceiro, começa a contabilidade dos mortos, desaparecidos e desabrigados. Os sobreviventes são recolhidos a escolas e igrejas, albergados precariamente para chorar suas perdas. Choram parentes mortos misturados com as lágrimas pelas geladeiras e fogões destruídos.

Há uma imediata resposta de solidariedade sempre surpreendente mas pouco duradoura. Nos primeiros dias, enquanto a TV abre um efêmero espaço para a tragédia, os abrigos se entopem de colchonetes, cobertores, roupas e alimentos. A população é generosa.



Com o tempo voltarão a construir seus barracos nas mesmas encostas e baixadas invadidas, para morar até a próxima tragédia. Ninguém mais se lembra deles.

Resulta até em recusa de ajuda por falta de espaço para recebê-la. Mas... a chuva passa, deixa de ser notícia, as cenas dramáticas repetidas se tornam anais e cansativas. O ibope recomenda à TV mudar de assunto e a população que não é pobre esquece depressa o que aconteceu. A consciência está relativamente tranqüila pela ajuda oferecida e o silêncio da TV passa a honesta impressão de que tudo foi resolvido: o governo reconstruiu casas para todos, deu dinheiro para novos móveis, fogões e geladeiras, e só resta a tristeza das mortes. Paciência. Que fazer?

Ora, não é o que acontece de fato. Os desabrigados continuam

desabrigados, mais miseráveis do que antes, nada lhes restou e continuarão sem nada, albergados precariamente em algum galpão até serem convidados a desocupá-lo. E já não chegam mais as ajudas dos primeiros dias.

Com o tempo voltarão a construir seus barracos nas mesmas encostas e baixadas invadidas, para morar até a próxima tragédia. Ninguém mais se lembra deles.

Ou ficam apenas as lembranças de alguma mãe desesperada, entrevistada na TV sob a chuva, durante as primeiras escavações, na espera de salvar um filho desaparecido sob os escombros da casa destruída.

Porque algumas dessas cenas ninguém pode esquecer.

Num desses abrigos, uma jovem mãe veio pedir a uma voluntária que administrava a distribuição de roupas, um vestido de criança de um ano. Queria um vestido branco. A voluntária, cansada, respondeu com impaciência que não dava para escolher cor. Mas ela insistiu: só serve branca. Explica: para enterrar a filha que morreu soterrada. Como esquecer?

Por que essas coisas acontecem? Há culpas humanas ou são culpas divinas? O fatalismo sufoca o grito de protesto. A memória curta apaga a indignação, tudo fica como dantes, no tal quartel do misterioso Abrantes.

A omissão e a irresponsabilidade dos governantes e gestores das cidades não são punidas. Culpados porque somente governam e cuidam da cidade dos ricos, das ruas urbanizadas, dos que pagam IPTU.

Os pobres, ou moram hostilizados nas ruas ou têm que encontrar um espaço para juntar algumas tábuas velhas e telhas de demolição para conseguir um teto precário nas partes mais perigosas de alguma favela ou invasão. São vítimas de uma política econômica cruel que os condenou à miséria

final, à exclusão definitiva de que os pobres e os menos afortunados costumam escapar os que escolhem o caminho da marginalidade. Desses, os ricos vão se queixar, exigindo mais polícia contra a violência crescente. O que poderia partilhar de sua riqueza para diminuir a brecha social profunda, gastam em grades, portões reforçados, seguranças armadas, automóveis blindados.

Mas as defesas são inúteis: os comandos inimigos atacam com seqüestros, assaltos e tráfico de drogas. A guerra urbana é alimentada pelo ódio que nasce excluído ante a opulência exibida com a arrogância típica do privilegiado socialmente insensível.

A maioria dos que escolheram esse descaminho são os que não querem ser mais um morto soterrado ou sobrevivente abrigado nas chuvas futuras. Tampouco ser chefe de família com filhos famintos. Costumam morrer cedo. Ou são presos. Neste caso, resulta um grotesco paradoxo: o governador de SP declara que tem 100 mil presos que custam ao estado, cada um, 800 reais por mês. Certamente pobres, já que os ricos raramente freqüentam esses ambientes. Dá para imaginar que grande parte desses presos tão dispendiosos não teriam enveredado pelo caminho que os levou para lá, se tivessem essa invejável renda familiar antes de virar bandidos.

Por isso, o injusto modelo econômico e seus beneficiários, na origem, o descaso e a irresponsabilidade de governos, na outra ponta, são os réus nesse julgamento que não acontece. Os

prajosos procuradores de justiça, hostejados pelo desmonte de tantas empresas milionárias, devem ser mobilizados para acusar também esse tipo de réu.

Ou querem que aprendamos algo com os argentinos que

mudaram "na raça" os rumos da economia "FMI Fashion" que quebrou o país?

**Editores da revista "Fato e Razão", do Movimento Familiar Cristão. Publicado no Boletim REDE 2002.*

Como podem os cristãos atuar para mudar essa desordem social? A participação na política se impõe? Ainda é comum pensar-se que fé e política não combinam? A participação na vida política deve ser entendida como opção de fé?

Sobre um modelo que não queremos. "Com toda a dificuldade do bloqueio, Cuba consegue assegurar os três direitos fundamentais a 11 milhões de habitantes - toda a população. Alimentação, saúde e educação. Qual é o país que pode colocar na porta do aeroporto um cartaz dizendo: 'Nesta noite milhões de crianças dormirão nas ruas do mundo. Nenhuma delas é cubana.' Você vai lá e confere, vê que é verdade. Qual outro país da América Latina que pode pôr este cartaz na porta do aeroporto? Nenhum! Então Cuba, com todas as limitações da revolução cubana, com as limitações provenientes do bloqueio imposto pelos Estados Unidos, consegue assegurar a vida ao conjunto de sua população e para nós cristãos a vida é o Dom maior de Deus. Vale pouco a rotatividade das urnas e isso não resulta em justiça social. Isso não quer dizer que eu acredite que o Brasil devesse adotar o modelo cubano. O Brasil tem que criar o seu próprio modelo, com direito aos nossos próprios erros." (Frei Betto).

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um novo compromisso do MFC com a conscientização e evangelização
VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, FORA DO MFC, UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual: 18 reais (4 números)

Distribuidora MFC de Fato e Razão

R. Visconde do Rio Branco, 633 / 1002 - CEP 24020-005 Niterói - RJ

Tel/Fax (21) 2717-4878 E-mail: texere@uol.com.br

Das curas e feridas do amor

Ivone Gebara

Ah! Se, ao menos por instante, eu pudesse tocá-lo, sentir-me-ia melhor.

Ah! Se eu pudesse experimentar o que dizem dele as multidões famintas e os poetas sem nome.

Ah! Se eu pudesse sentir em meu corpo os efeitos curativos de sua força, certamente estaria em paz.

Errante, dobrada pela dor, carrego em mim um fardo estranho. Parece um fardo milenar, fardo de mil fardos passados e presentes.

Carrego em mim minha história e mil outras gritando em meu peito. São gritos constantes, de dor e de alegria, de paz e de guerra.

Com eles atravesso a multidão de homens, e eles não sentem o que sinto. Cruzo seus caminhos e não vêem a minha dor. Pergunto e não me respondem. Grito e não me ouvem. Olham-me, abraçam-me, usam-me, compram-me, vendem-me, crucificam-me... ressuscitam-me num céu bem distante deles.

Pesa em meus ombros um fardo imenso... Não percebem que

estou ferida, que minhas entranhas estão sangrando, que a vida se esvai em mim, que a terra chora minha carne! Correm, ocupados, preocupados com previsões, equações, sanções, eleições. Brigam com conceitos, defendem leis, punem com princípios e não vêem que estou bem perto, chamando, chamando...

Continuo buscando de dia e noite a vida em mim. Com olhos abertos e cansados, sem cessar procuro um alívio para minha dor, um alimento para minha esperança...

E, um dia, a busca se fez cala no corpo anônimo da mulher da multidão. Cheia de espanto, como por encanto, cessou seu pranto. Sentiu acontecer a magia do amor. Apenas tocando em suas vestes, sangue estancou, a ferida cicatrizou e a graça fez nela morada. Foi um festa imensa, regada do melhor vinho de Caná, festejada com todos os esquecidos da cidade. Lá estavam viúvas, crianças, coxos, mancos e cegos. Não faltaram as prostitutas e os ambulantes em trajes de festa. Incluía-se os ma-

ados, siando pela sma sorte mulher que ria curada.

A mulher, ora feliz, nsou que a ra teria nela rada eterna,

feridas no a antiga o voltariam is e que seu ngue não aria em vão.

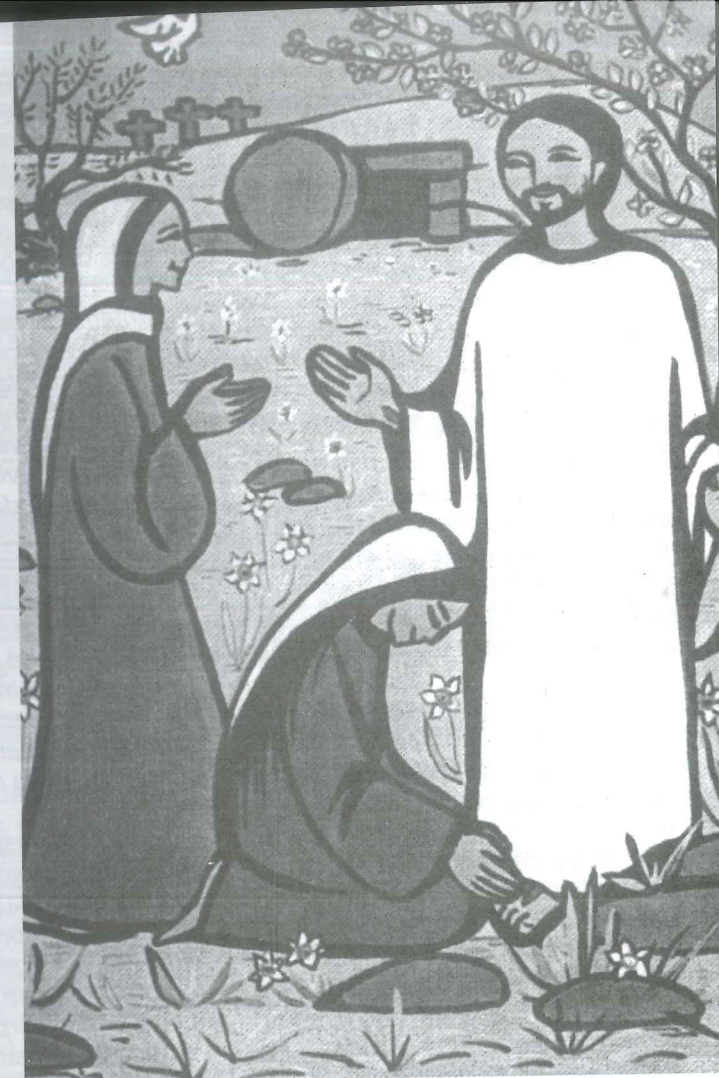
A voz tante da ha bedoria

ou: "Eterna são das que tocas e adas pelo or! "

De novo a la feriu o po da mulher, de novo jorrar angue, raquecer a ocultar a gria.

A nova dor parecia mais ansa e mais incompreensível. E, novo, a velha voz da Sabedoria itou: "As dores do presente ecem sempre as mais intensas!".

A mulher, mais uma vez uebrada pela dor, gritou ignada à Vida: "Por que me



feriste de novo? Por que de novo me invades, machucas meu corpo e me arrancas a paz?

Busquei tanto o Amor e quando enfim o vislumbrei, quando consegui tocá-lo, quando o amei, tu o arrancas de mim? Por que és tão cruel? Por que me ofereces o remédio, e quando curada me feres de novo?"

E a Vida, num sorriso tragicômico, respondeu à mulher: "É porque o amor tem vida frágil. Ele existe para ser buscado, degustado num breve instante, cantado como eterno em sua eterna fragilidade."

O amor precisa sempre estar a caminho, errante sem pousada certa, caminhante sem rumo preciso. Não se pode detê-lo, guardá-lo num cofre forte, nem temer a sua partida. Ele não aceita sepulturas nem altares. Não aceita ser herói nem o vilão da festa. Não tem papéis e pode estar em todos eles. Não tem hora certa, nem relógio, nem agenda. Acontece sem avisar, e às vezes avisa, mas não acontece.

O amor é louco, sem sentido e cheio de sentido. Entrega-se, mas não se deixa possuir... Mata a fome hoje, mas não a sacia para sempre. Tem gosto de pão, de carne, de vinho, de sangue... gosto de mil sabores e mil odores, e nenhum pode esgotá-lo. Ele é todo-poderoso no seu frágil e efêmero poder. Ele é sem poder, mas pode tudo quando quer. Derruba reis de seus tronos e torna reis os humildes. Canta suaves baladas de amor e grita estridentes clamores de justiça. Vem como a brisa suave que atravessa os dias quentes e se vai, e depois faz a gente ansiar desesperadamente por sua volta. Aparece como um raio de sol em pleno inverno... ou como o abraço envolvente de corpos amantes. É como o feijão gostoso caindo em

estômagos famintos, ou como a água da fonte para os caminhantes sedentos. É como as flores do campo em plena primavera ou o canto dos pássaros nas manhãs de Domingo. A monotonia não o atrai, as definições estáticas o repugnam, e os códigos rígidos o espantam. Se permanecer parado morre. Vive sempre correndo, sem descanso, revelando-se a uns e a outros para sempre continuar vivo. Amor é insaciável, irmão da Justiça e da Paz. Só vive provocando e só cresce se o deixarmos livre, só volta se o coração estiver sempre aberto".

E a mulher disse de novo à Vida: "Dá-me de novo a sede do Amor, abre em mim a ferida do desejo, ajuda-me a buscar o perfume mais caro, para ungir-lo quando de novo o encontrar"...

E a Vida respondeu: "Esta sede, este desejo sem fim, esta busca infinda estão em você". E devagariinho, aproximou-se da mulher e, num gesto de imensa ternura, lhe disse: "Tomai e comede este é o meu corpo sempre entregue em meu corpo. Tomai e bebei, este é meu sangue em teu sangue".

E a mulher, em silêncio, ouviu as palavras da Vida e lhe respondeu baixinho: "Faça-se em mim segundo a tua palavra".

**Teóloga, religiosa. Ilustração concebida e pintada pelas Irmãs de Jesus. Extraído de Tempo e Presença.*

Uma questão que hoje tem aflorado em nível universal é a do fundamentalismo religioso. Seu projeto é construir uma sociedade teocrática na qual a religião oficial ditará as diretrizes e as leis e moldará os costumes, sem espaço para uma visão divergente. É, ainda, a tendência de encontrar na religião, ou no livro sagrado que a inspira, uma resposta para todas as questões, independentes de sua natureza. O fundamentalismo religioso implica na exclusão do pluralismo e na afirmação do caminho único.

Jesus e o fundamentalismo

Jorge La Rosa*

Encontramos essa prática em várias religiões, em diferentes reis e em períodos diversos. As autoridades eclesiais da Idade Média, ao afirmar que a terra era o centro e o sol girava ao seu redor, eram fundamentalistas, atribuindo à Bíblia uma competência científica que ela não possuía. A Bíblia contém uma mensagem religiosa, mas retrata as concepções científicas e culturais de uma época, e não constituem objeto de fé quele que crê.

Quando pensamos em Jesus, perguntamos se ele teria algo a ver com esse fundamentalismo. E em caso afirmativo, qual seria o seu fundamento?

Há uma passagem no Evangelho muito ilustrativa. Em

Mateus 22, 15-22, os fariseus, numa artimanha, propuseram a Jesus a questão da legalidade ou não do pagamento de impostos a César. Se ele fosse favorável aos impostos, poder-se-ia dizer que era um "entreguista", alguém conivente com a dominação romana, sem brio nacionalista e contra a teocracia judaica. Se ele fosse desfavorável, poderia ser acusado de conspirador contra o Império, de subversivo, e ser preso pelas autoridades romanas. Jesus lhes solicita uma moeda com a qual se pagava o imposto, e depois de os fariseus identificarem a imagem de César nela gravada, dá a célebre resposta "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus".

A resposta deixou os inquiridores perplexos, e para nós o

Mestre deu a lição da independência da sociedade civil em relação à sociedade religiosa, do Estado em relação à Religião. O poder político e o poder sagrado ou religioso são dois horizontes, independentes e soberanos, os quais não devem ser superpostos. Isso não significa que o Estado possa praticar a arbitrariedade e a violência. Antes dispõe da *razão* para traçar os seus limites, estabelecer normas e leis que assegurem o bem comum e o exercício dos direitos fundamentais dos cidadãos. O instrumental do Estado é a razão e não a fé, são as luzes naturais e não o texto religioso.

A razão pode se beneficiar da perspectiva de Deus, assim como a fé pode ser esclarecida pela razão, mas exclui definitivamente que uma religião particular, qualquer que seja, assuma o poder político e se confunda com o Estado.

O Estado (César) e a religião (Deus) representam duas realidades distintas, com seus próprios espaços e atribuições,

segundo Jesus: confundi-los seria péssimo para ambos. Seria ruim para o Estado que tem a obrigação de acolher e respeitar todas as religiões, desde que não conspira contra o bem comum; e seria também ruim para a Religião que corromperia no exercício do poder político e perderia, inclusive, sua capacidade de julgar e criticar o Estado. Uma das vezes em que a Religião e o Estado se uniram, foi justamente para condenar Jesus a morte.

Observamos, ainda hoje, tentativas de substituir César por Deus - um projeto que nem Deus mesmo quer, segundo a perspectiva cristã. Mas no século passado também observamos a pretensão equivocada de substituir Deus por César, no caso do ateísmo professado pelo Império Soviético. Não deu certo. Fracassou. Eliminar Deus pode ser uma tarefa inglória e impossível. Deus que resulta da eliminação de César é uma caricatura, e a sociedade que produz, um arremedo. Essa, afinal, a lição de Jesus.

**Professor universitário e Terapeuta de Família. MFC-Porto Alegre.*

Conselhos para a guerra urbana.

As pessoas têm a tendência de entrar em seus carros depois de fazer compras depois do trabalho, e sentar-se no carro (fazendo anotações em seus talões de cheques, ou escrevendo alguma lista etc.). Não faça isso! O bandido estará observando você, e essa é a oportunidade perfeita para ele entrar pelo lado do passageiro, colocar uma arma na sua cabeça, e lhe dizer aonde ir. No momento que você entrar em seu carro, tranque logo as portas e vá embora.

No silêncio da noite

Beatriz Reis

No silêncio da noite
germinam sementes
e rompem a terra
sedentas de orvalho.

No silêncio da noite
flores viram frutos
e esperam a aurora
grávida de luz.

No silêncio da noite
desnuda-se o amor
e entoa seu canto
alegria do universo.

No silêncio da noite
lágrimas viram rios
fecundando mundos,
gerando estrelas cadentes
no silêncio dos séculos.



Ilustração: "Fecundidade"- Cristais, ametistas e vegetais sobre vidro. Selma Amorim.

Teologias da guerra

Frei Betto*

Para Santo Agostinho, a paz é o maior bem da cidade terrestre. Para defendê-lo, justifica-se a guerra. É o princípio da guerra justa. Para declará-la, requer-se que a causa seja justa, a autoridade legítima, a intenção reta e os danos limitados.

Tomás de Aquino retomou a questão no século 13, afirmando que a guerra e o amor cristão se contradizem. Assim, todas as guerras são injustas, exceto quando se trata de legítima defesa, resguardada a limitação de danos. Isso significa evitar a morte de civis.

Na I Guerra Mundial (1914-1918), as vítimas civis corresponderam a 5%. Na II Guerra (1940-1944), a 50%. No Vietnã, a 85%. Hoje, as guerras de "limpeza étnica", como a da Bósnia, sacrificam quase 90% da população civil, sem que os militares, que atiram bombas do alto de seus aviões, sofram qualquer arranhão.

Na I Guerra, o papa Bento XV assumiu posição pacifista, condenando-a, sem dar razão a franceses ou alemães. Na II Guerra, Pio XII considerou-a injusta, embora reconhecendo o direito de autodefesa dos inocentes agredidos. Na encíclica *Pacem in Terris* (1963), o papa João XXIII reafirmou que a guerra não é justificável em nenhuma hipótese, pois consiste sempre num ato contra a humanidade. E propôs o desarmamento como exigência para a paz.

O Concílio Vaticano II atenuou tal posição, influenciado pelo cardeal Spemann, capelão das Forças Armadas dos EUA que, naquele momento, bombardeavam o Vietnã. O cardeal justificou a fabricação de armas, alegando que a única maneira de assegurar a paz era pelo equilíbrio do terror nuclear.

Porém, o Concílio repudiou qualquer ação bélica que tem em vista a destruição indiscriminada de cidades inteiras ou de vastas regiões, com seus habitantes (*Gaudium et spes* 80,4).

O Catecismo, aprovado por João Paulo II em 1997, admite que não se poderá negar aos governos o direito de legítima defesa (2308), retomando o princípio da guerra justa. Condena, no entanto, como pecado mortal, o extermínio de um povo, de uma nação ou de uma minoria étnica (2313).

No Sínodo dos Bispos, reunido em Roma, em outubro de 2001, a condenação ao terrorismo e ao ataque dos EUA à população civil do Afeganistão veio da boca de dom Cláudio Hummes, cardeal de São

encíclica
cem in Terris
(1963), o papa
João XXIII
reafirmou que a
guerra não é
justificável em
nenhuma
hipótese, pois
consiste sempre
em ato contra a
humanidade. E
propôs o
desarmamento
como exigência
para a paz.



Paulo. Devido à pressão dos bispos dos EUA, que apoiam o presidente Bush, o documento final não assumiu uma posição mais contundente a favor da paz como fruto da justiça.

Segundo o profeta Isaías, a paz não deriva do equilíbrio de forças, mas é fruto da justiça (32, 17). Hoje, ele faria eco ao papa João Paulo II, clamaria que não haverá paz enquanto não for reduzida a desigualdade entre o Norte e o Sul do mundo, cancelada a dívida externa dos países mais pobres, reduzido o arsenal bélico e a acumulação de riqueza em mãos de poucos, protegido o meio ambiente e reconhecidos os direitos do próximo.

Porque a paz precisa ter sabor de pão. Sem o pão nosso, a paz e o diálogo não virão até nós.

Frei Betto é dominicano, autor de "A mula de Balaão" (Salesiana), entre outros livros. Publicado em Correio da Cidadania, ed. 278, semana de 12 a 19 jan. 2002.

Alguns amigos leram
minha crônica sobre
alegria, gostaram, mas
ficaram em dúvida,
pensando que eu
estava dizendo que a
alegria e o prazer não
combinam e por isso
não se encontram
nunca, quando o
prazer entra por uma
porta a alegria sai
pela outra, como se o
prazer estivesse
condenado a ser
sempre doce no
começo e amargo no
fim...

O prazer

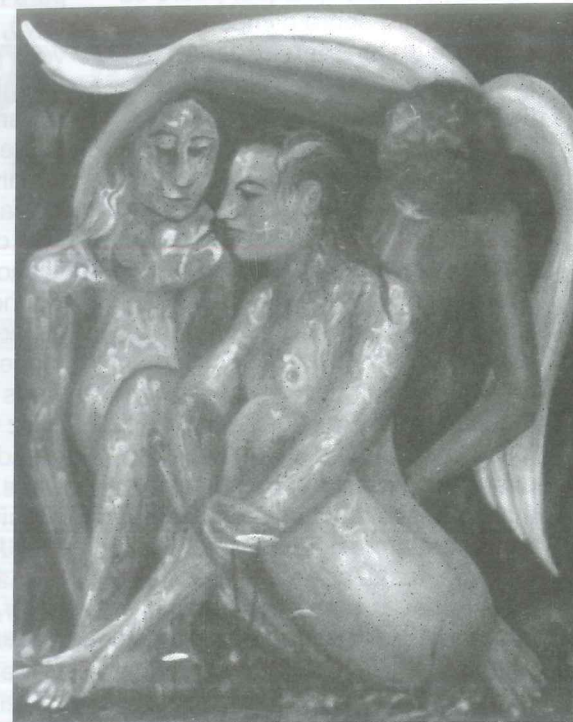
Fico até bravo que tenham pensado que eu poderia pensar coisa tão perversa, pois quem me conhece sabe muito bem que acho que o prazer é uma dádiva divina, pois se Deus não nos tivesse criado para o prazer, ele (ou ela) não nos teria dado tantos brinquedos para o

corpo, como os gostos, os sons, as cores, as formas, os cheiros, as carícias, e não teria dotado o corpo de tantos órgãos eróticos, os desatentos pensam que órgãos eróticos são só os genitais, não percebem que erótica é a boca, aquela cena maravilhosa do filme

Rubem A

Nove Semanas e Meia de amor", a mais erótica que jamais vi, o amante, na cozinha, fazendo a amante, com os olhos fechados, morder e provar coisinhas de comer, não é por acaso que comer tenha dois sentidos, nada mais vulgar que reduzir a erótica aos genitais e à ama, logo vira rotina ansativa, que trabalhadeira, que mão-de-obra, mas é preciso bater o ponto, e assim se prova o meu ponto, que o prazer sozinho acaba por ficar chato, e não percebem que eróticos são os ouvidos, ah!, como a voz doce que por vezes está cheia de néctar dos deuses, como também, por vezes, está cheia de uma mistura de losna e fezes, - infernal, erótico é o nariz - quem iria! - de cujas potências resta muito pouco, castrados de fato que somos, tão diferentes dos achorros, que, se fossem homens, não pintariam quadros com cores, pintariam quadros com cheiros - já imaginaram isso, um museu de quadros pintados a cheiro? -, eróticos são os olhos, boca cósmica, por meio deles comemos o universo inteiro, montanhas, árvores, rios, mares, a lua e as estrelas, as nuvens, tudo é comida, tudo entra.

Dizia Neruda: "Sou onívoro de sentimentos, de seres, de livros, de contecimentos e lutas. Comería toda a terra. Beberia todo o mar", a nossa felicidade se deve a isso, que não podemos comer com a boca, mas com os olhos,



e duplamente erótica é a boca, de novo, primeiro porque dentro dela moram os sabores, e agora porque é o lugar supremo do tato, da carícia, o toque molhado dos lábios, a língua, o mordiscar, o beijo...

Dizem os teólogos que Deus fez todas as coisas. Dizem mais que, se Deus fez, é bom. Claro. Seria heresia, digna de fogueira, imaginar que Deus tivesse feito coisa ruim ou proibida.

Primeira conclusão: foi Deus que fez esse festival de possibilidades de prazer. Segunda conclusão: se Deus criou tantos jeitos de ter prazer, é porque ele nos destinou ao prazer.

Confesso que fico horrorizado com o fato de nunca, mas nunca

mesmo, ter visto qualquer padre ou pastor pregar sobre o imperativo divino de ter prazer na vida. Ao contrário, estão sempre advertindo, graves e solenes, sobre os perigos do prazer, como se ele fosse coisa do Diabo. Me contaram (recusei-me a acreditar, pelo absurdo da coisa, mas me garantiram ser verdade) que, num curso para casais, aconselhava-se que os noivos, sempre que tivessem de ter uma relação sexual (depois de casados, é claro), que se dessem as mãos e rezassem um "Pai-Nosso". Ai, se eu fosse Deus, fulminava um religioso desses com um raio! Pois é mais ou menos assim: dou uma boneca para minha neta e lhe digo: "Olha, Mariana, todas as vezes que você quiser brincar com a sua boneca, chama o vovô ao telefone para pedir permissão, tá?" Pelo que conheço dos doutores em coisas divinas, de cuja companhia privei por longos anos, eles têm idéias diferentes sobre Deus. Pitam-no sempre de cenho carregado, não há registro algum de que ele jamais tenha dado uma boa risada, o que nos obriga a concluir que ele não tenha senso de humor, sempre com seu enorme olho sem pálpebra aberto (é sem pálpebras para não fechar nunca,

para não deixar passar nada, De te vê, cuidado com o lugar onde você põe a mão; ao dormir, nos colégios de freiras, as meninas tinham que dormir com as mãos sobre as cobertas), sua biblioteca tem livros de ética, ordens, ameaças, advertências, nenhum livro de estética, ou erótica, ou ficção, e a despeito de Nosso Senhor Jesus Cristo ter dito que Reino de Deus só entram crianças, o que nos obrigaria a concluir que Deus também é uma criança, como fez o Alberto Caeiro, nunca li um tratado sobre os brinquedos de Deus... E eu me pergunto: "Como é possível amar um ser assim?"

Acho o prazer uma coisa divina. Para ele fomos feitos. O amor, o humor, a comida, a música, o brinquedo, a caminhada, a viagem, a vadiagem, a preguiça, a cama, o banho de cachoeira, o jardim - para estas coisas fomos feitos. Para isto trabalhamos e lutamos: para que o mundo seja um lugar de delícias. Pois esse, somente esse, é o sentido do Paraíso: o lugar onde o corpo experimenta o prazer.

**Psicanalista, escritor. Extraído de Tempo e Presença. Ed. Koinonia.*

Eduardo Galeano conta a história de um louco... *que vivia na praça de uma cidade qualquer da América Latina. Vivia ali o pobre homem cercado por seus silêncios. Era um louco especial aquele. Conhecido por todo o povoado, passava seu tempo tocando um violão imaginário. Ninguém se aproximava dele, com ele ninguém falava. Era, apenas, o "louco do violão" cujos acordes imaginários nunca foram ouvidos. Até que um cidadão, compadecido daquela imagem muda, abordou o louco. Consta que conversaram longamente; que trocaram idéias e que se surpreenderam. O cidadão, então, resolveu presentear o louco. Por óbvio, escolheu um violão de verdade e o ofereceu no segundo encontro. Nosso personagem, então, emocionado, agradeceu o presente e disse: "Muito obrigado, agora eu tenho dois."*

Vão, fique assim tão sério...

ateu

O ateu estava passeando em um bosque, admirando tudo o que ele "acidente da evolução" havia criado.

As árvores majestosas! Que rios! Que belos animais! Ele dizia consigo próprio.

Uma medida que caminhava ao longo do rio, ouviu um ruído nos arbustos atrás de si. Virou-se para olhar.

Então viu um enorme urso-pardo caminhando na sua direção.

Ele disparou a correr o mais rápido que podia. Olhou, por cima do ombro, e viu que o urso estava perto.

Ele aumentou a velocidade.

Parou, de novo, por cima do ombro, e viu o urso cada vez mais perto. O urso batia freneticamente. Então, ele se abaixou e caiu. Rolou no chão e tentou levantar-se. Só que o urso já estava em cima dele, procurando

agarrá-lo com a sua forte pata esquerda e, com a outra pata, batendo agredi-lo ferozmente.

Nesse preciso momento, o ateu parou: "Meu Deus!..."

O tempo parou. O urso ficou sem fazer nada. O bosque mergulhou em silêncio. Até o rio parou de correr. À

medida que uma luz clara brilhava, uma Voz vinda do céu dizia:

"Tu negaste a minha existência durante todos estes anos, ensinaste a outros que eu não existia, e reduziste a criação a um acidente cósmico.

Esperas que eu te ajude a sair desse apuro? Devo eu esperar que tenhas fé em mim?"

O ateu olhou diretamente para a luz e disse:

"Seria hipócrita da minha parte pedir-te que, de repente, me passes a tratar como um cristão, mas, talvez, possas dar ao urso sentimentos cristãos?!"

"Muito bem", disse a voz.

A luz foi embora. O rio voltou a correr. E os sons da floresta voltaram. Então, o urso recolheu as patas, fez uma pausa, abaixou a cabeça. E falou:

"Senhor, agradeço-vos por este alimento que agora vou comer".

Crianças...

Um homem teve de ligar para um colega para resolver um problema urgente. Discou o número do telefone e foi atendido por um sussurro de criança:

- "Alô?"

Contrariado pela inconveniência de ter de falar com uma criança, ele pediu:

- "Seu pai está?"

- "Sim" - cochichou a vizinha.

- "Posso falar com ele?" - perguntou.

Para sua surpresa a criança respondeu:

- "Não".

Desejando falar com algum adulto, perguntou:

- "A mamãe está aí?"

- "Sim" - foi a resposta.

- "Posso falar com ela?"

Novamente a vizinha cochichou:

- "Não."

Sabendo que era improvável que uma criancinha fosse deixada sozinha em casa, decidiu apenas deixar um recado com a pessoa que devia estar ali cuidando da criança.

- "Tem mais alguém aí?" -

perguntou.

- "Sim" - sussurrou a menina. "Um policial".

Imaginando o que um tira poderia estar fazendo na casa do seu colega, perguntou:

- "Posso falar com o policial?"

- "Não, ele tá ocupado" - cochichou a menina.

- "Ocupado fazendo o quê?" -

perguntou o homem, já chateado.

- "Falando com papai, mamãe e o bombeiro" - veio a resposta cochichada.

Começando a ficar alarmado ao ouvir um barulho de motor de helicóptero, perguntou:

- "Que barulho é esse?"

- "É o ele-copo" - respondeu o cochicho.

- "O que é que está havendo aí?", perguntou assustado.

Com um sussurro de espanto a criança respondeu:

- "A equipe de busca está desmontando o ele-copo."

Apavorado, perguntou,

- "Por que eles estão aí?"

Ainda sussurrando, a voz infantil

replicou com um risinho abafado:

- "Eles tão me procurando!..."

Cuidado com as mulheres

Ocorreu um acidente de trânsito com dois carros batendo de frente, um guiado por um homem e o outro por uma mulher.

Ficaram completamente destruídos. Surpreendentemente os motoristas nada sofreram. Saíram

completamente ilesos. Depois

saíram de seus carros, a mulher

- Interessante, você é um homem

eu uma mulher com os carros

destruídos, mas estamos sem

nenhum arranhão. Isto deve ser

sinal de Deus, nós realmente

precisávamos nos encontrar, e

em nossos destinos, nos

conhecemos e ficamos vivendo

paz, como grandes amigos, até

o fim de nossos dias.

- Concordo! Disse o homem.

E continua a mulher a falar.

- Só pode ser um sinal de Deus,

olhe outro milagre, meu carro

completamente destruído, mas

garrafa de vinho não se quebrou.

Esta claro que o destino quer

bebamos para celebrar a nossa

vida, que foi salva milagrosamente

neste acidente.

Então a mulher passa a garrafa

o homem. Ele concorda sem

e vira o gargalo na boca até

metade da garrafa.

traga a garrafa pela metade para a mulher. Ela pega a rolha e coloca no gargalo, imediatamente, e não beber nenhum gole.

Entender nada o homem

pergunta:

vão vai beber a tua metade para

lembrar?

A mulher responde:

Sim. Vou esperar a polícia chegar

meio...

Lório

Três conversavam sobre um

macabro: o quê você gostaria

falassem de você no seu

lório?

1º disse:

que eu fui um grande médico e um

pai de família.

2º disse:

que eu fui um homem

avulso, excelente pai de

família, e um professor de grande

ênfase no futuro das crianças.

3º arrematou:

gostaria que eles dissessem:

ah, ele está se mexendo..."

Papagaio resmungão

O homem comprou um papagaio,

es, quando chegou em casa, foi

completamente destruído, mas

ela decepção!

o papagaio resmungava, reclamava

Esta claro que o destino quer

gingava o dia inteiro.

Sorte súbita é aquela em que a pessoa morre sem o auxílio dos médicos.

Liota mesmo, é o sujeito que ouvindo uma frase de duplo sentido não entende nenhum dos dois.

(Willôr Fernandes).

O dono tentou amansar o louro lendo poesia, tocando música clássica, mas não teve jeito. Passou a gritar, bater, ameaçar, mas o papagaio ficava pior e pior. Num momento de fúria, o dono pegou o papagaio e jogou-o dentro do freezer.

O papagaio começou a xingar de tudo quanto era nome, mas,

subitamente, menos de 20

segundos depois, calou-se sem

terminar o último

palavrao.

Pensando ter matado o papagaio, o

dono abriu a porta do freezer e o

louro começou o discurso:

"Sei que meu linguajar tem sido

mais do que inapropriado a este

ambiente familiar e que minha

atitude não condiz com a atenção

que o senhor tem me dado. Gostaria

de apresentar minhas sinceras

desculpas e colocar que daqui em

diante me portarei

adequadamente..."

Surpreso com o resultado, o dono ia

perguntar o que havia feito o

papagaio mudar de idéia quando o

louro, quase chorando, perguntou:

"Só por curiosidade: o que foi que

esse frango fez?"

(Colaborações de Vinícius N. G. Souza)

Amar é com homens e mulheres

Emir S

Sempre me incomodou quando sacerdotes se punham a "orientar" os jovens sobre o amor. Me lembro de um livro, sobre o amor, escrito por um padre considerado politicamente "progressista" para a coleção paradidática de uma editora de grande divulgação.

Sempre me perguntava: o que pode uma pessoa que se impõe a abstinência sexual falar sobre o amor? Uma coisa é respeitar a escolha de quem tenha optado por um sacrifício, impensável para alguém como eu, que significa castrar uma dimensão mais humanas do ser humano, ser mais humana; outra é considerar que alguém nessa dimensão possa saber o que é o amor.

Foi sempre um mistério imaginar o que os religiosos com sua sexualidade, mais além do que sempre se contou, que seriam formas de violação desse voto. Mesmo para dedicar-se ao sacerdócio, ao amor ao próximo, pareceu-me sempre uma debilidade alguém fazê-lo sem viver que é a paixão por uma mulher, o enamoramento, viver junto, compartilhar a vida, ter filhos, participar de sua educação, viver sua descoberta do mundo inclusive sua capacidade de amar e a de sua sexualidade.

Para quem teve sempre esse sentimento parece nada estranho que atualmente se destaque de forma tão extensa e clara a vida sexual nos conventos, em particular os escândalos de pedofilia. Todos os impulsos essenciais dos homens e das mulheres que são reprimidos terminam se realizando de maneira degenerada.

Ao lado do escândalo e da indignação que suscitam esses casos, surge um elemento de

fim do celibato obrigatório e o direito de mulheres poderem ser sacerdotes. Não tenho condições de avaliar temas religiosos, mas tenho certeza de que isso só favorece a chamada Igreja progressista e debilita aquele populismo que grassa hoje com cara de popularização, com padres cantores etc. e tal.

Eu sou de uma geração em que a consciência social e política era imediatamente acompanhada da crítica da religião. Antes de aderir à militância política recrutado pelo Michael Lowy, junto com meu irmão Eder, o Renato Pompeu, tentei mudar o mundo através da Igreja Católica, na qual eu tinha sido educado. Era antes da Teologia da Libertação, e dei com os burros n'água. Minha adesão à militância política e ao marxismo foi concomitante ao abandono da religião. (O Hélio Pelegrino e o Frei Betto disseram que ainda vou pro céu, mas tenho muitas dúvidas).

Os jovens de hoje precisam de instrumentos que lhes permitam um profundo processo de crítica da alienação. Um acerto de contas com a religião não é hoje o tema central desse processo, dado que a Teologia da Libertação, uma das extraordinárias contribuições brasileiras e latino-americanas, permite compatibilizar a perspectiva de revolucionar a sociedade com o mundo da fé.

O principal objeto de crítica é o capitalismo com a exploração, o consumismo, a discriminação - , mas, sem uma perspectiva humana do amor, a religião nunca poderá se aproximar realmente do mundo dos

Que bom que religiosos assim se reivindicam abertamente o

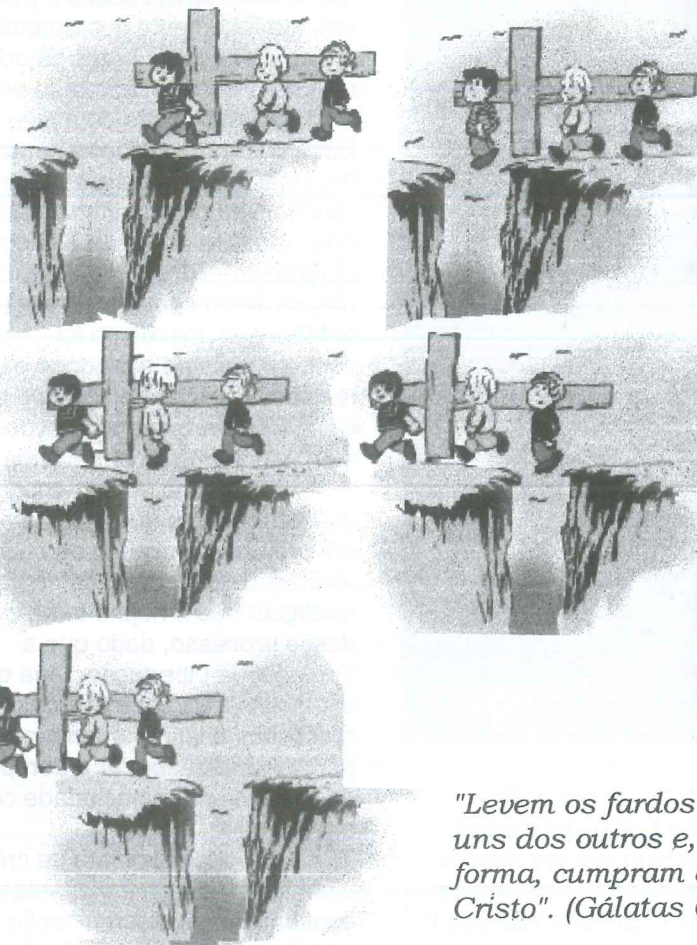
jovens e, temo, de todos os homens e mulheres que desfrutaram do mais divino perdão pela palavra dos sentimentos humanos, o sentimento do amor.

Como falou o Che, a militância política é um derivativo, é

a mostra extraordinária e cotidiana de uma amor incomensurável pela humanidade.

**Jornalista e es-
Revista Caros Amigos, maio*

Nossa vida de comunhão é sempre assim



"Levem os fardos pesados uns dos outros e, desta forma, cumpram a lei do Cristo". (Gálatas 6,2)

O sermão da rosa

Antônio Estevão Allgayer*

O sermão da rosa é o perfume. Frágil e efêmera como toda flor, a rosa comunica a sua mensagem com a eloquência do silêncio. Sem palavras, retribui à vida o que a vida lhe deu: a capacidade de servir esbanjando beleza, bem-estar e bem-querer. Aquece relações humanas, promovendo a ternura. Até mesmo os espinhos que lhe brotam da haste veiculam um ensinamento. Dizem a atuais violadores de sua integridade que ela prefere regar jardins a murchar precocemente em cárceres infantis.

O Mahatma Ghandi usou o simbolismo da flor para convencer a cristãos da Índia a serviço do Evangelho que o testemunho de vida supera em eficácia o discurso falado e estimulador. Ele próprio, jejuando e deitado na lama, derrotou a arrogância de dominadores de seu país.

Lucas refere, em Atos dos Apóstolos, que dos primeiros cristãos se dizia: "Olhem como eles se amam". E o Evangelista informa que celebravam comunidade de mesa em alegria (At 2, 46). O testemunho de amor fraterno e o poder do Espírito aumentava dia após dia o número dos que seguiam a caminho da salvação. Os cristãos temos algo a oferecer a este mundo convulsionado pela violência: É a certeza de que, apesar de tudo, a vida é digna de ser vivida em plenitude e abundância (Jo 10, 10).

A ascese que banuiu a alegria do projeto de salvação cristã deveu-se a influências não-cristãs. A fé na vida após esta vida prescinde de palavras. A eloquência do amor é a certeza de que ressuscitaremos. A terra não é necessariamente um "vale de lágrimas". O cosmo, assim como o corpo humano, é dádiva gratuita do Criador.

A flor, sacramento criacional, transmite-nos, entre outras lições, a de que a tristeza habitual faz de nós tristes

Advogado. MFC Porto Alegre.

VIDA EM FAMÍLIA

Marco Antonio Fetter*

Em qualquer assunto que se fale hoje em dia, e em qualquer circunstância, a palavra mais invocada e pronunciada - por uma série de motivos - é a Família.

Em todos os casos, acreditamos que a Família é um espaço de participação humana e, portanto, deve se converter em promotora do desenvolvimento humano. A Família deve ser a escola do mais rico humanismo porque é na própria Família que se cria humanidade, se condensa a sabedoria do humano e se logram os principais fundamentos da sociedade.

É importante compreender que é na Família que todos nós temos a nossa primeira escola de sociabilidade, a primeira escola das virtudes sociais que são a alma da vida e do desenvolvimento da sociedade.

Agora, nada disso que está escrito aí acima terá sentido e valor para cada um de nós, e para a nossa vida, se a Família não organizar a sua vida no seguinte sistema de valores:

I. o sentido da **"verdadeira justiça"**, que leva ao respeito da dignidade pessoal de cada ser humano.

II. o sentido do **"verdadeiro amor"**, vivido sinceramente e desinteressado.

III. o **"dom de si mesmo"**, como lei que rege as relações familiares e que é pedagogia insubstituível para iniciar-se no valor do serviço até a sociedade.

IV. formação, em nossa própria casa, de **"pessoas conscientizadas"**, com atitude crítica e de diálogo, afim de advertir, sentir, denunciar e solucionar as injustiças sociais.

V. permitir, que em cada um de nós e em todos, seja criada a **"estimativa preferencial do ser mais"** sobre a tendência do ter, do poder e do valer.



Encontro de João Paulo II pela família durante seu pontificado.

Em meu juízo, a formação da vida, de uma comunidade de

pessoas e a participação no desenvolvimento da sociedade constituem funções da Família no momento atual. Sendo assim, a Família deve oferecer um "serviço à vida" entendida em seu sentido amplo e, ao mesmo tempo, a Família participa na vida de cada um de nós. Na consciência de cada um de nós.

E é, também, de dentro da consciência de cada um de nós que a vida, a Família - e não a violência - deve ser entendida, compreendida e vivenciada.

Algumas pessoas haverão de perguntar - e certamente você vai se perguntar quando ler isto: mas, afinal, tudo isso que está escrito aí é fácil de se conseguir? Não, isto tudo é muito complicado de se conseguir. Mas, é preciso e vale a pena. Tente... e seja feliz.

**Doutor em Sociologia da Família e Consultor da ONU em assuntos da Família Porto Alegre-RS*

Como vivemos nossa experiência de ser família, no dia-a-dia da nossa convivência?

Quais dos valores listados pelo autor serão os mais difíceis de se construir nas relações familiares?

O que se passa nas famílias que conhecemos em relação a esses valores? E na nossa própria família?

O que é, de fato, a felicidade que buscamos para cada um de nós e para todas as famílias? Onde estará a essência da felicidade?

Adolescentes surpreendem: a família é o máximo!

Enquete da UNICEF ouviu 5.280 adolescentes e jovens de 12 a 18 anos em todo o Brasil. 95% deles consideram que a família é a instituição mais importante para a sociedade. O país tem atualmente 250.000 adolescentes. A UNICEF é o Fundo das Nações Unidas para a Infância.

"O Espírito vem pelas Águas".

Uma nova relação com o universo tem de ser marcada, antes de tudo, pelo "cuidado" com todos os seres, a partir da consciência de que tudo é Dom, de que por tudo somos responsáveis e de que a lei maior é a da "pertença" recíproca que tudo entrelaça num imenso Todo. Daí tem, necessariamente, de brotar uma espiritualidade da comunhão, da compaixão, da partilha do poder e da posse das coisas.

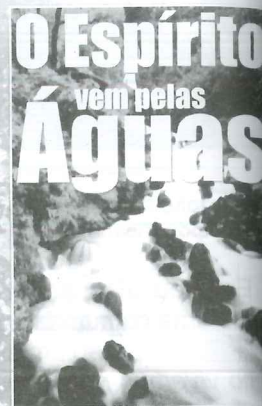
Este livro nos convida a assumir uma nova visão da relação com a Natureza, capaz de perceber que algo divino se esconde em cada coisa. A Bíblia nos fala disso dizendo que cada coisa é como que "corpo" de uma Palavra de Deus (cf. Gn 1), ou "encarnação" de Sua Sabedoria (cf. Pr 8,22-30). Lembra-nos de que muito temos a aprender com os povos do Oriente e as culturas ancestrais dos povos aborígenes e negros. Chama-nos a assumir a sensibilidade "ecofeminista" nas relações de gênero e com o universo em geral.

Convoca-nos a promover ou participar de campanhas para a democratização da água: na família, na escola, na Igreja, no ambiente de trabalho e no espaço público onde se desenrolam os movimentos sociais, dando especial atenção à arte, aos meios de comunicação e aos instrumentos de luta política.

Este livro é a afirmação de um compromisso que deseja traduzir-se no que há de mais típico na Igreja cristã, o testemunho, a "martíria"... o martírio. É um ato de conspiração pela vida, o que a Igreja cristã tem de fazer sempre, incansavelmente, "oportuna e importunamente".

D. Sebastião Soares.

— Marcelo Barros —



Marcelo Barros, monge beneditino teólogo, junto com a sua Comunidade do Mosteiro da Anunciação, em Goiás, dedica sua vida à unidade das Igrejas, à comunhão entre as religiões e ao diálogo entre as culturas, a serviço da paz baseada na justiça para os pobres, excluídos e na defesa da natureza. Escreveu 26 livros de extraordinária inspiração e lucidez.

CEBI/Rede Editora, 175 págs.



foto

Um de Família: Tainá Alves de Mendonça, 5 anos. Cidade de São Paulo.

fato

Um caso banal se torna paradigma da atmosfera de violência em que estamos mergulhados. A encantadora menina de 5 anos é assassinada com um tiro na cabeça por causa de um suposto acidente de carro que produziu alguns arranhões na pintura dos carros e a adicional discussão sobre de quem foi a culpa. O motorista assassino encerrou a discussão com o tiro fatal em Tainá, que seu tio levava a passear, numa rua qualquer de São Paulo.

razão

A menina que queria ser cantora torna-se mais um símbolo do espírito de violência que tem se difundido lentamente, em níveis variados, nas veias da população. Ela chega através da cultura estúpida destilada no cinema que vem do norte, cada vez mais sangrento, invadindo a casa com suas cenas de horror e ódio. Banaliza a violência para crianças e adultos, que começa nos desenhos animados infantis. No mesmo dia do sacrifício de Tainá, uma revista policial nos freqüentadores de uma boate de ricos levou à apreensão de mais de vinte pessoas. Quer dizer: o povo anda armado. Assim, qualquer discussão pode terminar em tiro. E assim, Tainá está morta. Tem que ser assim?

Jovem voluntário escola solidária

Minha escola não é uma instituição destinada a formar, apenas, profissionais qualificados para o mercado de trabalho. Em seus pressupostos éticos e em sua metodologia pedagógica, procura formar cidadãos, e não consumidores; homens e mulheres altruístas, e não egocêntricos; pessoas abertas ao contexto social em que vivem, e não voltadas ao próprio umbigo.

A transmissão do patrimônio cultural está indissociavelmente vinculada à formação do caráter, segundo valores que nem sempre coincidem com os que regem a ideologia da competitividade a qualquer preço. Adota-se o primado da solidariedade. É uma escola

cujos alunos editam um jornal; conhecem a vida familiar dos funcionários e procuram ajudá-los, como no reforço escolar de seus filhos; asseguram, em cada classe, uma bolsa-escola a um jovem empobrecido, graças a recursos de suas próprias famílias.

Minha escola é um centro conectado à comunidade circundante, de modo a reduzir a distância entre texto e contexto, saber e compromisso social, e introduz no currículo, como temas transversais, a cultura e a prática do voluntariado. É, portanto, uma escola solidária, que participa de campanhas de combate à fome, campanhas contra todas as formas de violência, da física à sonora. Nada um de nossos alunos adotou a coleta de lixo, mantendo-a em casa sem fazer uso e, graças à venda daqueles produtos a preços módicos, ajuda o centro comunitário do bairro.

Não se restringe, porém, ao mero assistencialismo. Debate, entre professores, alunos, pais e funcionários, as causas dos problemas sociais; convida pessoas de diferentes partidos para palestras; forma a consciência crítica; mantém contato com movimentos populares e ONGs

Frei B

culados aos excluídos; conhece conexões que unem a conjuntura nacional à internacional. Organiza eventos ecumênicos com representantes de todas as denominações religiosas, oferecendo aos alunos uma boa formação quanto às espiritualidades enciadas pelo povo brasileiro.

Voltada à formação de cidadãos conscientes e participativos, a Escola Solidária apenha-se, a começar pelas populações empobrecidas que lhe rodeiam, na alfabetização de adultos; incentiva os alunos a ler e escrever para idosos e enfermos, em asilos e hospitais; promove jogos e atividades esportivas com crianças e jovens; oferece à comunidade serviços como horta e farmácia comunitárias; primeiros socorros; educação sexual, etc.

É também uma Escola Solidária, que ensina a preservar o meio ambiente, a reciclar o lixo, a economizar água e energia, a fazer campanhas de combate à fome, promovendo excursões e viagens. Nada um de nossos alunos adotou a coleta de lixo, mantendo-a em casa sem fazer uso e, graças à venda daqueles produtos a preços módicos, ajuda o centro comunitário do bairro.

Não se restringe, porém, ao mero assistencialismo. Debate, entre professores, alunos, pais e funcionários, as causas dos problemas sociais; convida pessoas de diferentes partidos para palestras; forma a consciência crítica; mantém contato com movimentos populares e ONGs

Forma os estudantes para



situações de emergência, estabelecendo parcerias com instituições como a Defesa Civil, de modo a torná-los aptos a prestar ações solidárias em caso de enchentes, incêndios, seca prolongada, endemias (dengue), etc.

Nas férias e nos feriados, promove visitas de estudantes e professores a áreas carentes do município (favelas) e do País (Vale do Jequitinhonha, semi-árido do Nordeste, assentamentos agrícolas, etc.), desenvolvendo ali mutirões voluntários de educação para a cidadania, através de filmes, apresentações teatrais, vídeos, minicursos de primeiros socorros, higiene no lar, saúde, hábitos

alimentares, direitos do consumidor, da criança e do adolescente, etc.

Onde fica essa escola que suscita, no jovens, iniciativas altruístas e voluntárias? Ora, por

enquanto, tem endereço em utopias pedagógicas.

Mas tudo indica que se transformará em realidade**.

*Frei Betto é dominicano, autor, em parceria com Paulo Freire e Ricardo Kotsch, de *Essa Escola chamada Vida* (Ática), entre outros livros. (Boletim REDE - Eletrônico).
**A ONG *Faça Parte*, monitorada por Milú Villela, acaba de fazer o lançamento, na Assembleia Legislativa de São Paulo, do projeto Jovem Voluntário, Escola Solidária.

❖ *Nossas escolas são como esta? Deveriam ser? O que poderia impedir que esse modelo seja adotado?*

Guerra é sempre suja.

1. Mais de cem prisioneiros talibãs morreram depois de se renderem, asfixiados nos contêineres de carga usados para transportá-los até a prisão de Qajja numa jornada de três dias. Um dos sobreviventes de um dos contêineres que eles se revezaram para respirar num buraco na parede metálica, mas deles não resistiram à falta de oxigênio e morreram. (O GLOBO).
2. Entre 400 e 600 prisioneiros talibãs foram exterminados a bala e granada no forte-cárcere Qala Jangi, em que estavam cerca de 6000 outros combatentes derrotados. Não morreu um só homem da Aliança do Norte nem americanos ou britânicos que apoiaram o massacre. Exceto um Agente da CIA, que estava no interior do forte a serviço. Os presos, revoltados, o mataram, deflagrando um massacre brutal. *Pergunta-se: o que estava fazendo um americano, Agente da CIA, no forte-prisão onde os derrotados eram obviamente interrogados para tentar obter informações sobre o super-terrorista? Por que terá sido morto um prisioneiro rendido e cercado, que não tinham chance de fugir? Qual a especialidade da CIA? (A notícia saiu em todos os jornais, mas as perguntas, naturalmente não. Portanto, as respostas tampouco).*
3. Paraquedistas da tropa de elite americana saltaram em território inimigo, com malas de dinheiro, para subornar tropas adversárias. Ofereciam dinheiro e abandonasse as armas. (O GLOBO).
4. Técnicos de outro grupo de elite da Carolina do Norte, especialistas em marketing, produziram e lançaram 18 milhões de panfletos com frases de convencimento da população para expulsarem os terroristas estrangeiros e viverem em paz. Robert Jenks, chefe do grupo, disse que "é muito mais fácil influenciar uma audiência estrangeira hostil do que lançar um novo refrigerante no mercado". (O GLOBO).

Uma frase para quem promove guerras:

"Quanto mais os gatos brigam, mais gatinhos aparecem". (Abraham Lincoln)

SONETO 5

Sou destino de ninguém.

Estou com a vida em dor e mar.

Mais que verme na morte de

ninguém.

Quero do pranto o parto atar.

Mesmo que morto esteja também

quilô que me faz andar

o caminho intestinal que me retém:

ou lembrança da heresia a se

queimar.

Definição da reza incontida no

passado...

Que faz do presente um destino

atravessado

entre os ladrões e a cruz sacrificial.

Sacrifício a lembrar ídolos e

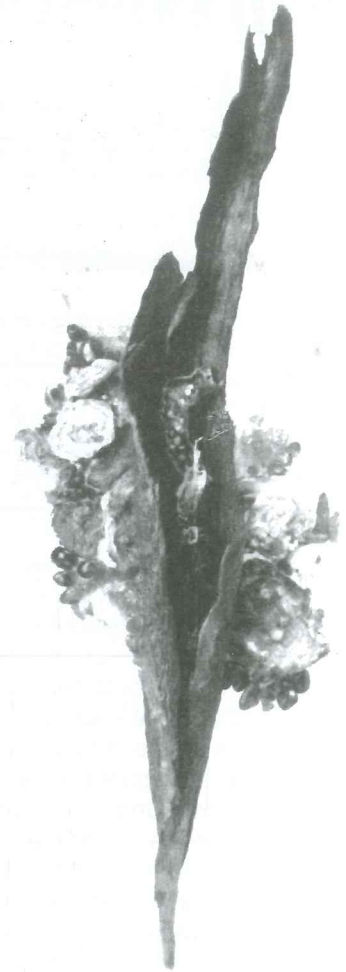
aparência,

a morte pensada, em sua essência,

para alimentar os pobres no Natal.

Jorge Leão*

FC São Luís - MA. Soneto de um grupo de poemas intitulado "Sagrada Profanação", de agosto de 2001, vencedor do Concurso de Poesia da Fundação de Cultura de São Luís.
Ilustração: "Ressurreição", cristais, turmalinas e vegetais sobre vidro, 2002. Selma Amorim.



Os deuses não salvaram a América

UM ANO DEPOIS DA TRAGÉDIA

Nossa estrutura psíquica é alimentada também por mitos. Dos deuses do Olimpo grego aos heróis de histórias em quadrinhos fabricadas nos EUA, os mitos servem de projeções nossas insuficiências e de compensações às nossas fraquezas.

Frei Betto

Criança, tentei erguer um saco de cimento após comer uma pratada de espinafre... E se a minha mãe não tivesse sido levada ao quarto por meu anjo da guarda, naquele exato momento, eu teria saltado da janela vestido com a capa do Super-Homem.

O Olimpo dos deuses americanos desabou com as torres do WTC. A nação que se julgava invulnerável viu-se, de repente, ferida de morte por terroristas que teriam burlado até o escudo antimísseis se ele já funcionasse.

Fica a pergunta no ar: onde estavam eles? Onde estavam o Capitão América, o Batman, o Mandrake e a Mulher Maravilha? Eles que sempre ofereceram proteção no momento da ameaça, socorro no perigo, punição imediata aos criminosos.

O silêncio dos deuses impregna a nação americana, agora, de um profundo sentimento de orfandade. E medo, muito medo, comparável ao que experimentou Jesus, no Horto das Oliveiras, ao

sentir-se abandonado pelo próprio Deus.

Hollywood encantou o mundo com suas imagens bem produzidas. A ponto de as imagens passarem a ter mais importância do que a realidade nua e crua. Instaurou-se a glamourização da notícia. Como enlatados de TV, há mortos, mas não se vê cadáveres; há bandidos e terroristas, mas jamais vence a impunidade; há invasões alienígenas, mas no final a América escapa incólume.

Agora, tenta-se mascarar a realidade com a maquiagem hollywoodiana. Os cadáveres do WTC são jogados para baixo dos tapetes. Ninguém viu um deles se retirado dos escombros, como se viu um enterro de vítimas do Pentágono. E o dedo em riste de velho tio Sam, com sua cartola raiada de estrelas, enfia-se na Oklahoma para caçar o jovem de quem se atreve a mostrar que não cometeu. A Casa Branca, tretanto, não cogitou bombardear

bin Laden está vivo, enquanto centenas de civis, entre os quais crianças, são sacrificados. O ataque ao Afeganistão é algo muito mais



Quem sabe Popeye andou comendo espinafre transgênico ou o Homem-Aranha tenha ficado enroscado em sua própria teia, como a lógica da CIA, que tantos atos terroristas promoveu pelo mundo afora. O fato é que, agora, a nação americana terá de olhar a si mesma, e ao mundo, de modo muito diferente.

** Dominicano, escritor, autor de "A Mula de Balaão" (Salesiana), entre outros livros*

Carnaval de Igrejas

Em 1989 o Governo soviético e a Igreja ortodoxa convidaram para as celebrações, representantes de todas as denominações cristãs existentes na face da Terra. Havia mais de mil denominações, desde a Igreja da libertação na América Latina (que Gustavo Gutiérrez e eu representávamos para irritação das autoridades romanas presentes e gáudio dos marxistas) até a pequenina igreja da Galiléia cujas origens remontam aos parentes de Jesus.

Reunidos no teatro Bolshoi durante todo um dia, cada denominação expressava sua profissão de fé e, em poucos minutos, formulava bons votos ao povo ortodoxo russo. Parecia um carnaval cristão, tal a profusão das indumentárias, das cores e dos títulos honoríficos.

Todos naquela semana de celebrações desfilavam em seus trajes com garbo e elegância. Eu circulava com meu singelo burel franciscano, com capuz e cordão, representando indignamente a Igreja dos pobres da América Latina.

Nas conversas daqueles dias, percebi que cada igreja se

Uma imagem poderoso me acompanha há anos a celebração dos mil anos de cristianismo em Ru antiga Rússia. Ela oferece pistas para o verdadeiro ecumenismo

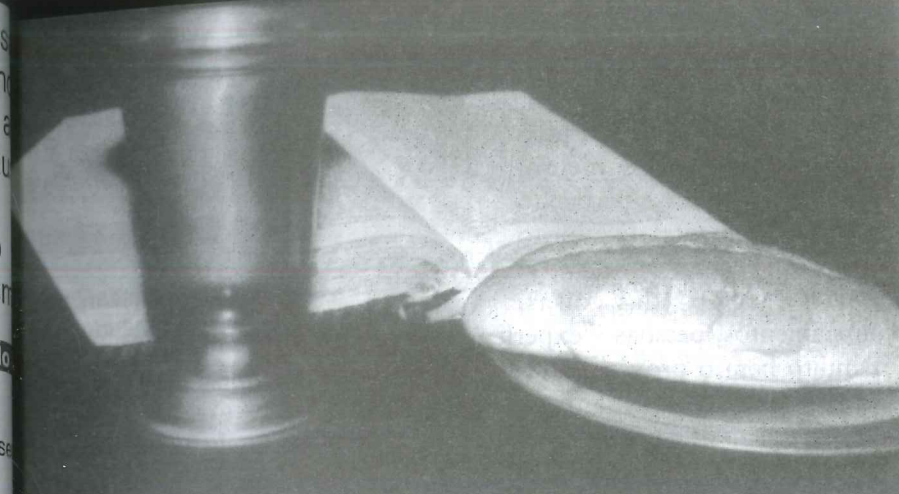
Leonardo

considerava a verdadeira. E se representantes todos, especialmente, os vindos de R andavam soberbos carregando sobre as costas algo que só eles imaginam poder carregar: a verdade revelada, todos os meios de salvação e a única Igreja de Cristo (os outros teriam apenas "elementos eclesiais"). Alguns andavam até encurvados sob o peso de tanta pretensão.

Pensava então comigo mesmo: todos esses estão certos, todos estão errados. Todos são certos porque ninguém está fora de Cristo e longe da verdade. Todos estão errados porque ninguém conteria em suas vasilhas toda a verdade do oceano cristão.

Num certo momento da cerimônia lancei, angustiado, ao céu, essa pergunta: "Senhor, enfim, a tua Igreja, quem são os teus? Revela-mo por tua imensa bondade!" E escutei, no céu da minha mente, esta resposta: "São os meus, todos têm a minha herança e todos compõem a minha Igreja".

Efetivamente, sem as Igrejas Cristo talvez teria sido engolido no esquecimento como o foram tantos



unidade na mesma partilha dos dons e de si, diversidade na forma de partilhar e partilhar-se, no serviço aos outros. Jesus se faz presente do pão e vinho partilhados.

ísticos e mestres espirituais. Mas as não substituem Cristo, só o apresentam. Não são a luz, apenas a lamparina.

Pessoas que não percebem esta nuance fundamental, insarosas, dizem: entre a Igreja e Cristo prefiro ficar com Cristo. Outros, mais sensatos, relativizam a Igreja e dizem: fiquemos com Jesus com a Igreja. Mas cada qual no seu nível. O nível absoluto e indador é Cristo. O nível relativo e ndado é a Igreja. Cristo é o sol que irradia por si mesmo, a Igreja, a ta, iluminada pelo sol.

Como todas as Igrejas carregam a memória de Jesus, elas devem viver em comunhão de reciprocidade. Juntas-em-relação-

recíproca formam a única Igreja de Jesus e de Deus na terra. O que importa, na verdade, não são tanto as Igrejas, mas o fenômeno cristão e sua função benfazeja para a espiritualidade dos seres humanos.

Todas as Igrejas são de Cristo mas Cristo é para os humanos e os humanos são para os outros humanos, homens e mulheres, e todos são para Deus.

**Teólogo, filósofo, escritor.*

O diálogo entre as Igrejas cristãs é possível na nossa cidade? Está acontecendo?

Como entender e buscar a unidade na fé, na pluralidade das expressões religiosas?

Cristianismo

Faustino Teixeira*

A reflexão sobre o cristianismo nestes tempos de pluralismo religioso implica situá-lo no terreno fértil da tradição abraâmica. As grandes tradições monoteístas do judaísmo, cristianismo e islã estão enraizadas e irmanadas nesta fonte abraâmica primordial. É desta fonte que surgirá posteriormente o monoteísmo judaico, e a apresentação de uma imagem de Deus radicalmente nova e que rompia com as normas religiosas antropomórficas universalmente aceitas naquele período.

O cristianismo nasce deste solo judaico, sem o qual não há possibilidade de compreensão de seu significado mais rico.

Na origem do cristianismo está a presença de um judeu, de Nazaré. E hoje em dia recorre-se cada vez mais esta consciência da "judaicidade" de Jesus, que nasceu e morreu judeu.

Esta figura histórica nunca pensou em fundar uma religião, mas dedicou-se inteiramente a anunciar com a palavra e a vida o Reino de Deus. O objetivo de sua pregação não era mesmo, nem tampouco a Igreja, mas o Reino de Deus enquanto afirmação de vida, enquanto exercício da vontade de Deus. O ato na história em favor do estabelecimento de uma nova ordem das coisas, fundada na justiça e na verdade.

Ao anunciar este Reino com vigor profético, Jesus acabou abalando as instituições judaicas de seu tempo. O Deus anunciado por Jesus não é o Deus da impassibilidade platônica ou da imobilidade aristotélica, mas um Deus que cuida do humano, que se preocupa com a causa dos excluídos e sobretudo dos excluídos.

Os Evangelhos testemunham de forma clara a dinâmica de alteridade e abertura vivenciada por Jesus, como no caso de sua acolhida aos samaritanos. Trata-se de alguém que não fazia acepção de pessoas, estava aberto a pecadores e publicanos e os

feito de Jesus de anunciar provocou uma resistência e oposição crescentes que resultaram na sua morte de cruz, já revista como inevitável na sua última ceia com seus seguidores.

excluídos tinham um lugar destacado em seu coração.

A grande singularidade de Jesus encontra-se na dinâmica do amor ao próximo, por ele igualado ao amor a Deus. A novidade de seu posicionamento consiste em mostrar que mediante o amor e a justiça para com o próximo é o amor mesmo de Deus que está sendo realizado, relativizando assim os preceitos da legislação judaica. Este jeito de viver e anunciar provocou uma resistência e oposição crescentes que resultaram na sua morte de cruz.

O cristianismo nasce na dinâmica do seguimento de Jesus, marcado pelo projeto de dar continuidade ao seu sonho de vida em plenitude e de humanidade reconciliada. A morte de Jesus e a sua ressurreição é que constituem a base da afirmação histórica do cristianismo. O evento da ressurreição foi resultado da



experiência profunda partilhada pelos apóstolos da presença de Jesus entre eles. Esta percepção os transforma radicalmente, provocando a ruptura do medo e lançando-os à missão evangelizadora.

Foi após estes acontecimentos, e com a marca da fé em Jesus ressuscitado, que os primeiros escritos neo-testamentários vieram à luz. Todos eles são marcados por esta experiência, daí não poderem ser elencados sob o gênero de livros históricos, mas de testemunhos de fé. Estes textos já traduzem uma teologia da comunidade primitiva, estando a seu serviço.

Os primeiros evangelhos, conhecidos como sinóticos (devido às suas semelhanças e convergências) ganham sua versão definitiva entre os anos 70-80: são os evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas. O texto posterior do

evangelho de João, só será completado por volta do ano 100.

As primeiras comunidades cristãs, animadas pela experiência da efusão do Espírito em Pentecostes, buscavam viver e partilhar a memória de Jesus de forma simples mas empenhada. É o que descreve o livro dos Atos dos Apóstolos, redigido entre os anos 67 e 80 d.C. Afirma-se que os cristãos tinham tudo em comum e "mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações" (At 2,42).

Com o crescimento da comunidade emerge a necessidade de uma maior organização, surgindo assim os diversos serviços comunitários exercidos pelos presbíteros (anciãos), diáconos (servidores) e os responsáveis pelas comunidades. A missão evangelizadora contorna no início os centros gregos tradicionais, sob a influência do monoteísmo judaico, mas logo rompe as fronteiras judaicas, alcançando as cidades "pagãs" fora da Palestina, entre as quais Antioquia, Filipos, Corinto, Tessalônica, Atenas, Éfeso, Mileto, Rodes.

A partir da controvérsia de Jerusalém, em torno do debate sobre a necessidade ou não da circuncisão dos gentios, é que o cristianismo passa a constituir-se uma realidade destacada do judaísmo.

Os três primeiros séculos do cristianismo foram marcados por inúmeras perseguições, uma vez que as comunidades nascentes ameaçavam a plausibilidade do mundo "pagão". Inúmeras

perseguições abateram-se sobre cristãos, de forma intermitente, ainda que com momentos de calmaria. As primeiras perseguições iniciaram-se em 64 sob o imperador Nero, e ganharam maior generalidade a partir da metade do século III. A razão mais decisiva para a perseguição estava no não reconhecimento pelos cristãos dos deuses do panteão romano e a recusa do culto imperial.

A situação inverte-se na virada do IV século, com o edicto de Milão (313), concedido pelo imperador Constantino, e que proclama a liberdade religiosa e a abolição das restrições impostas aos cultos cristãos. Com esta "virada constantiniana" o cristianismo torna-se uma religião lícita, e tende a se afirmar progressivamente como uma religião dominante, um "império cristão". Os bispos sobem à categoria dos mais eminentes funcionários públicos e adotam insígnias e condecorações. A partir deste período haverá uma preocupação de ordenação dogmática da Igreja nascente, perturbada por dissensões internas que assumiram dimensões doutrinas de grande relevo, com resultados dilacerantes.

Alguns pontos essenciais de referência foram sendo definidos com a realização dos Concílios de Nicéia (325), Éfeso (431) e Calcedônia (451). Trata-se do momento em que a Igreja passa a ocupar-se da salvaguarda da ortodoxia, e o faz adotando elementos da cultura grega, como no caso da definição da divindade de Jesus: a idéia metafísica do

Filho (da mesma substância do Pai) vem acrescentada à idéia metafísica do Filho de Deus. Esta imagem da Igreja como Império irá perdurar por muito tempo, configurando uma verdadeira tradição.

A primeira grande fissura no cristianismo ocorreu com a ruptura entre a Igreja católica e a Igreja ortodoxa em 1054. Na base desta separação estavam diferenças relacionadas às diferenças de cultura, mentalidade e tradição; bem como dificuldades de interpretação doutrinária e de governo da Igreja. É sobretudo a partir deste momento que alguns historiadores da Igreja identificam a afirmação de um catolicismo romano. Mas não é correto afirmar que até a separação da Igreja ortodoxa, a história da Igreja de Roma coincide com a história do cristianismo.

Desde o fim da era apostólica a Igreja católica foi reforçada na Igreja católica o movimento de expansão pelo o pela defesa da ortodoxia, que afirmava com vigor seja contra heresias consideradas desviadas, como contra pagãos e judeus.

O surgimento do Islã, no século VII significará um novo pacto. Diante da ameaça islâmica o movimento de expansão pelo Islã, a índole guerreira e militante da Igreja católica irá acentuar-se com a empreitada das diversas cruzadas, distribuídas entre os anos 1095 e 1272.

Como reforço na luta contra heresias, instituiu-se no final do século XII a constituição de tribunais eclesiásticos para salvaguardar a ortodoxia. Nasceram assim os temidos tribunais da Inquisição,



confiados sobretudo à Ordem dos Pregadores.

Há que recordar, porém, que esta imagem hegemônica de uma Igreja militante, presente e atuante nas cruzadas, encontrou resistência nos subterrâneos da cristandade com a presença frágil mas rica de uma Igreja espiritual, sinalizada por vozes proféticas como Joaquim de Fiore (1145-1202) e sobretudo Francisco de Assis (1181-1226), mas cujos passos já tinham sido antecipados pela rica experiência dos Padres do deserto e do monaquismo cristão. Na base de todas estas experiências estava um "protesto" contra as mudanças na vida do cristianismo e o sonho de uma Igreja determinada não pela lógica do poder, riqueza, domínio e exclusão, mas pelo motivo da pobreza e do serviço. O contraponto desta imagem de Igreja foi fundamental para a retomada da perspectiva original do cristianismo e do sonho de Jesus.

A Segunda ruptura no cristianismo ocorreu com a reforma protestante, iniciada em 1517, quando Lutero afixa suas teses contra as indulgências. Neste momento instaura-se a ruptura com

o catolicismo. Mas há que recordar que o mal estar na Igreja já estava instalado muito antes, sendo expresso de forma diversificada pelos humanistas. No anseio do regresso à Bíblia e a uma religião interior, estava implicado o protesto contra os descaminhos da cristandade renascentista: os escândalos da secularização e descristianização, expressos na busca de poder, no nepotismo, na intriga e imoralidade.

Estas rupturas abriram uma página dolorosa na história do

cristianismo, mas significaram igualmente um chamado profético para uma perspectiva cristã mais evangélica e plural. Os novos ventos da modernidade pluralista a convocar todos os cristãos, a diversidade de suas legítimas perspectivas a buscar caminhos comuns de solidariedade e paz, seja, de uma diversidade reconciliada.

** Teólogo, professor do PPCIR-UFJF. Publicado no Jornal de Opinião de Belo Horizonte*

- ❖ *Que novidades nos traz o teólogo nestas revelações e ensinamentos?*
- ❖ *O que significa o seguimento de Jesus, hoje?*
- ❖ *O que, afinal, é ser cristão em nosso tempo?*

A inteligência da criança de 0-2 anos

Jean Piaget, o sábio de Genebra, estudou o desenvolvimento da inteligência da criança, e observou que ela, nos primeiros dois anos de vida, manifesta-se pela ação, pelo movimento e pela percepção sem linguagem. Isso explica a intensa atividade exploratória: ela pega objetos, manipula, desmonta-os e os leva muitas vezes à boca, sempre com a intenção de compreendê-los. É a maneira como a criança faz a sua leitura do mundo. Importante nesse período é que a criança tenha muitos objetos dos quais possa dispor para trabalhá-los, ainda que em muitos casos redunde na destruição dos mesmos, o que é somente estratégia para realizar suas aprendizagens. Não cabe, nesse sentido, punição à criança, apenas revelaria a ignorância do adulto em relação ao funcionamento da inteligência infantil. Por outro lado, os pais podem e devem, progressivamente, separar objetos dos quais a criança possa dispor daqueles que pertencem ao papai e à mamãe e que são vedados à sua atividade exploratória. A separação desses objetos é importante já que ajudam a criança a construir estruturas internas do permitido e do proibido daquilo que lhe pertence e daquilo que é dos outros – e a respeitar a propriedade alheia. Introduz, também, hierarquia: os pais orientam e os filhos se sentem seguros e protegidos. (Jorge La Rosa, Terapeuta Familiar MFC-Porto Alegre - RS).

A ordem do dinheiro ganha a dimensão de uma ordem global, à qual as demais ordens, nacionais e locais, devem se referir, subordinando-se.

Fundamentos sem moral!

Milton Santos*

Ao longo dos anos 90, bem antes de aparecerem na sociedade brasileira sinais mais claros de descontentamento com a imposição de uma nova ordem globalitária, vimos ocorrendo, em conferências, artigos e livros, que na base da sociedade, o é, no meio do povão, mostras de irredentismo já se manifestavam como uma espécie de vulcão escondido, reclamando formas alternativas de expressão.

As condições estruturais que fundamentam a ordem globalizadora são, elas mesmas, o motivo de sua desordem, já que apenas elas legitimam as condições para que se afirmem totalmente os interesses do dinheiro em estado puro, no mesmo tempo em que levam à desorganização de tudo o mais.

A ordem do dinheiro ganha a dimensão de uma ordem global, à qual as demais ordens, nacionais e locais, devem se referir, subordinando-se.

Daí essa idéia agora tão repetida dos "fundamentos econômicos", que são muito mais um parâmetro externo do que mesmo uma realidade produzida internamente.

Quanto mais se afirmam e fortalecem esses chamados "fundamentos econômicos", na verdade uma ordem financeira beneficiando um número cada vez mais limitado de atores da vida social e com tanto mais força, os demais atores começam a ressentir, na sua impotência, o desacerto com a ordem globalitária, ainda que nem sempre possam estabelecer claramente a cadeia de causas que permite o desenvolvimento de situações. Essas, porém, se multiplicam e se repetem sem que os remédios sugeridos para contê-las, aqui e ali, surtam efeitos duradouros.

Em tais condições, a própria vida política, obediente a esses mandamentos, renuncia a uma conformidade com a realidade social, bastando-se com os slogans ideológicos da globalização, ao mesmo tempo em que reforça o seu artificialismo com práticas espúrias herdadas do passado e cuja preocupação é a manutenção do poder em estado puro, que nas condições atuais deve subordinar-se, direta ou indiretamente, de perto ou de longe, ao dinheiro em estado puro.

Essa aliança acaba se tornando insuportável e, até mesmo, insustentável para a maior e melhor parte da sociedade. Não será essa mesma fonte de hipocrisia, injustiça e imoralidade na vida social e política a raiz fundamental das situações de crise que agora estamos vivendo no Brasil?

A partir dos episódios que estamos presenciando, pode-se dizer que a fratura detectada na base da vida social também chega à sua cúpula, se aceitamos que esse papel é desempenhado pela chamada base política de sustentação do governo. mas também do Estado.

Há, todavia, entre outros, um reparo a fazer. Será que a cegueira dos partidos e o cinismo das práticas políticas constituem, em si mesmos, o cerne da questão? Não cremos. O problema é outro. A escolha que foi feita pelos mandantes para a inserção do país no processo de globalização é, ela própria, imoral, porque põe em segundo plano a essência da vida e a dignificação do papel do homem vivendo em sociedade civilizada,

para atribuir um papel central ao dinheiro, tornado, afinal, após milênios de história, o centro indiscutível do mundo.

É isso que conduz aos descaminhos atuais da vida internacional e à crueldade nas relações sociais dentro de tantos países. Com o mesmo desembaraço, os Estados Unidos, com sua superpotência atual, pregam o mesmo discurso de democracia quando lhes interessa, e a pisoteiam quando não é assim, da mesma forma como, no caso africano, preferem defender os interesses das multinacionais a participar de um esforço humanitário para ajudar a erradicar a maior pandemia da história da humanidade.

Continuamos pensando que, em sua forma atual, a globalização vigente é inaceitável. Felizmente também estamos constatando, pelas crises que se levantam aqui e em quase permanentemente, que tal globalização também é insustentável.

Ela está se mantendo graças à associação de forças ideológicas formidáveis, representadas pela supremacia do dinheiro e resu- nessa noção inadequada dos chamados "fundamentos econômicos", cuja manutenção em última análise, devida ao poder militar. Já agora, esse casamento tornou-se indispensável entre po-

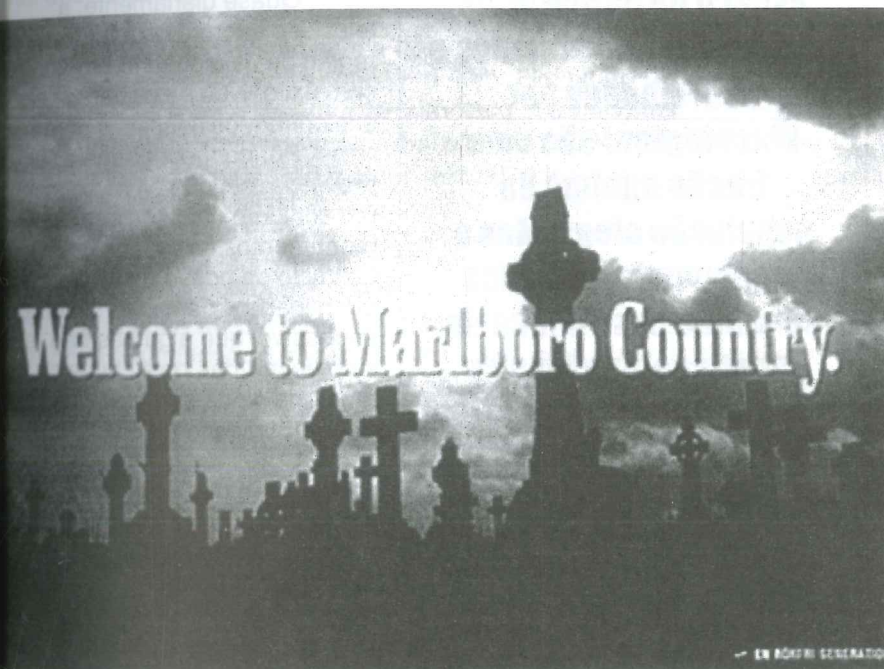
lítico e poderio ideológico nas mãos de uma mesma potência está sendo reconhecido como uma das causas da situação atual de desordem e empobrecimento material e moral em que se encontra a maior parte do planeta.

No caso brasileiro, é inútil imaginar que a mera supressão dos aparentes vetores da situação atual seja uma solução. A crise é mais profunda, porque não estamos dispostos dos instrumentos necessários para contrariar o peso da ideologia do dinheiro e, no essencial, ainda nos inclinamos face

aos chamados 'fundamentos econômicos. Estes, porque se subordinam à ética de resultados, e glorificam a competitividade como suprema lei da vida social, convidam a um vale-tudo generalizado e constituem fonte permanente de desrespeito a uma boa convivência moral.

**Geógrafo, professor emérito da Universidade de São Paulo e autor, entre outros livros, de "Por uma outra globalização" - Record, 2000. Fato e Razão rende homenagem ao admirável mestre, recentemente falecido. (Opinião)*

A Igreja no Brasil tem denunciado o modelo de inserção do país na globalização econômica que se apresenta como inevitável. Concordamos com essa denúncia? Ou consideramos não haver alternativas? O tema merece um bom debate.



Fatos que a imprensa ocultou: os pilotos da US Air Force, agindo ao serviço de modernos bárbaros, bombardearam com orgulho lugares e tesouros arqueológicos que são patrimônio mundial.

Afeganistão

a barbárie oculta

Miguel Urbano Rodrigues

O massacre de desinformação comandado dos EUA apresentou o Afeganistão como um espaço de barbárie. Os talebans (antes armados e acarinhados por Washington) são uma fração mínima da população afegã. Mas a propaganda midiática confunde esse bando de fanáticos, que inspira repulsa universal, com um povo inteiro, a vítima real da agressão norte-americana.

Na sua imensa ignorância, o presidente Bush e os seus generais desconhecem que o território do

atual Afeganistão foi berço de grandes civilizações e terra de implantação de outras, como a persa, a grega, a árabe e a mauryas indianos, que marcou decisivamente a história da humanidade.

Quase diariamente, a televisão informava que alvos na região de Jalalabad foram atingidos com êxito. Não se esclareceu se explodiram os mísseis e bombas.

Por conhecer aquela província, sei que ali se encontrava um conjunto único de estupas e monumentos funerários budistas do início da nossa era. Pela sua quantidade e densidade, é quase impossível que algumas não tenham sido destruídas pela chuva de metralha vinda das máquinas de guerra norte-americanas.

Com idêntica frequência, os porta-vozes do Pentágono anunciavam alegremente que a pista do aeroporto de Bagram e algum micro quartel daquela zona bombardeado com pleno êxito.

Omitem que o subsolo de Bagram é um imenso campo arqueológico, de incalculável valor. Ali foi descoberto, por uma missão de arqueólogos franceses, o chamado tesouro de Bagram - jóias, estatuetas, peças de cerâmica e outras obras de arte -, que permitiu levantar uma parcela do véu de mistério que continua a envolver a civilização criada por um povo que já desaparecido, os Kuchanos, nos séculos I e II, desempenhou um papel fundamental na história da humanidade. A monarquia Kuchana foi o intermediário comercial entre a Índia e a China dos Antônimos e a China dos Han, no período de apogeu de ambas as civilizações. Foi na época Kuchana também que surgiu e se desenvolveu a arte dita de Gandhara, cuja estatutuária fundiu em obras belíssimas a técnica e o rigor formal dos artistas greco-bactrianos e as cidades-estados helenísticas do sudoeste do atual Afeganistão com a espiritualidade e a imaginação dos cultores hindus e budistas.

Os bombardeamentos de Herat foram trombeteados com a mesma leviana euforia militar. É diferente a Bush e seus assessores que Herat tenha sido destruída no início do século XVI, pelo príncipe Babur, descendente de Tamerlão e fundador do Império Grão Mogol, como a mais bela e civilizada cidade do mundo. Os monumentos que restam dessa época constituem ainda uma trabalhosa herança da arquitetura do Renascimento Timurida.

Em televisões estrangeiras, registrei duas ou três referências a Ghazni. Será sido bombardeada?

Permanecerão ainda de pé os seus minaretes quase milenares?

Ghazni é, estou certo, uma palavra sem significado para os homens que na Casa Branca encham a boca com a palavra civilização. Tal ignorância não apaga a história. Ghazni foi, nos séculos X e XI, a capital de um sultanato turco, que deixou memória inapagável.

Foram os exércitos turcos de Mahmud - e não os árabes - quem difundiu a religião islâmica na Índia, acontecimento que iria pesar decisivamente no rumo da história.

Sob o mecenato de Mahmud e de seu filho, Ghazni tornou-se um foco de cultura que irradiou pela Ásia. Ali nasceram ou afluíram dezenas de escritores, cientistas, filósofos, teólogos, cujas obras, pelo seu significado, permaneceram pelos séculos afora como paradigmas do gênio criador do Islã.

Para exemplificar, citarei quatro. Firdusi escreveu o Xanama (o Livro dos Reis), epopéia hoje traduzida em dezenas de países e que narra a saga dos antigos iranianos e representa para os povos de língua persa o que os Lusíadas significam para os portugueses. Sanaí, um sufi, escreveu o Sol Ul Ibad, um poema místico, comparado, pela temática e pela beleza literária, à Divina Comédia de Dante Alighieri. Al Biruni, que acompanhou Mahmud em expedições à Índia, foi talvez o mais eclético sábio da Idade Média. Matemático, astrônomo, filósofo, historiador, botânico, etnólogo, dominava seis ou sete idiomas, e deixou obras sobre a Índia e os seus povos, que se tornaram de

estudo obrigatório nos grandes centros de cultura do mundo muçulmano. Finalmente, Ib Sina, o famoso Avicena, o maior médico da época, nasceu e cresceu numa área da Transoxânia, então sob soberania de Ghazni, embora se tenha fixado posteriormente no Irã.

Obviamente, George Bush nunca ouviu falar do Sultanato de Ghazni e dos seus artistas, da civilização Kuchana, dos Timuridas de Herat. Não lhe censuro a sua insuperável ignorância, mas ela não lhe confere o direito de fazer explodir mísseis sobre o que sobrou de grandes culturas que se desenvolveram no território do atual Afeganistão.

Quando, com pompa e orgulho, pronuncia a palavra Kandahar para anunciar que foi bombardeada com êxito, não faz a menor idéia de que nessa cidade, fundada por Alexandre da Macedônia, o povo local falava ainda grego e aramaico, dois séculos depois. Foi um edito do rei Maurya Achoka, gravado numa estela de pedra encontrada por acaso numa ruína, que nos trouxe há poucos anos essa revelação. É

claro que o presidente dos EUA, cujos olhos os crimes dos Cruzados aparecem como atos de heróis, não ouviu sequer falar, provavelmente, da existência de um monarca indiano, que reinou sobre Kandahar e outras terras afegãs. Admito que nunca o informaram que Achoka se tornou credor de respeito universal ao proibir, por edito real, a guerra na área do império, por considerar que é um fenômeno bárbaro, incompatível com a vocação e o destino dos homens.

A metralha que desceu dos céus sobre terras do Afeganistão atingiu diariamente os povos que vivem lá, segundo o sistema de poder imperial dos EUA, uma resposta aos atentados terroristas do 11 de Setembro. A punição, entretanto, sobre populações miseráveis, que nunca ouviram sequer falar de Manhattan, das ex-torres e do Pentágono.

É oportuno perguntar: quem são os bárbaros?

**Jornalista português, analista internacional*



A humanidade é constituída de homens e mulheres, o que significa que ambos dão aporte significativo na construção do humano. Sem o homem ou sem a mulher o humano se descaracteriza, ou melhor, se degrada. Essas considerações elementares nem sempre foram consideradas ao longo da história humana, o que evidencia a necessidade de o óbvio ser afirmado.

Um olhar retrospectivo mostra a situação de marginalização da mulher. Ela, por séculos, esteve alijada do exercício do poder político: o Brasil, a exemplo de outros países, só reconheceu o seu direito de votar em meados do século passado; e excluía também o exercício de atividades econômicas. Os seus mistérios se restringiam à esfera doméstica. Isso não significa que suas tarefas fossem de menor dignidade que as do homem, revela, contudo, miopia em relação às capacidades da mulher, analisada em perspectiva antropológica capenga, aí incluindo filósofos como Aristóteles e Tomás de Aquino. O primeiro questionando a existência da alma da mulher, e o

Mulher subordinação & cuidado

Jorge La Rosa*

segundo, atribuindo-lhe uma "imbecillitas naturae" (imbecilidade da natureza), que a tornaria um ser incapaz de autonomia e independência – idéias que resultaram de uma sociedade machista e que, por outro lado, a perpetuaram por séculos. Ainda hoje o mundo se ressentia desses horizontes limitados e mesquinhos.

Mulher e subordinação

Essa concepção estreita e interesseira da mulher foi urdida pelos homens, servia aos seus objetivos de dominação e manutenção de privilégios. Com a mulher fora da atividade política, fora do desenvolvimento científico, alheia à atividade econômica, todos os espaços pertenciam ao homem. O horizonte da subordinação estava completo.

Gradualmente, não sem lutas e dificuldades, a mulher foi ocupando o seu espaço, nas mais diversas atividades, mostrando competência e inteligência. Hoje não há profissão na qual a mulher não esteja engajada, ela conquistou os direitos políticos, ainda que sua

Para melhor transmitir a nossa fé aos nossos filhos
Descomplicando a fé

Helio Amorim

Editora Paulus 128 páginas - R\$ 10,00.

Pedidos à Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68

36010-520 Juiz de Fora - MG

Tel. (32) 3214-2952 - E-mail: nulysses@artnet.com.br

À venda também nas LIVRARIAS PAULUS da sua cidade

representação no parlamento e nas diversas instâncias legislativas e executivas seja bastante modesta; e na Igreja também, ouve-se a voz feminina no templo, vê-se sua mão distribuindo o Pão da Vida, e há teólogos que falam da possibilidade de sua ordenação sacerdotal.

Mulher e cuidado

O mundo é, ainda, excessivamente masculino. Há uma característica desenvolvida pela mulher, da qual o universo é carente: a de cuidar. Os papéis biológico e emocional da maternidade colocam a mulher em contato com a vida, justamente quando ela é excessivamente frágil e incipiente, no alvorecer. Sem cuidado a nova vida não vinga, não tem futuro, pode fenecer. Essa lição do cuidado ela dá. A natureza precisa de cuidado, para não ser

destruída, o ar precisa de cuidado para nos proporcionar o oxigênio, ainda que o Império não tivesse querido assinar o protocolo de Kyoto, as águas precisam de cuidado para não acabar, para matar a vida, para o desenvolvimento da vida, a camada de ozônio precisa de cuidado para não sermos queimados pelo sol, o mar precisa de cuidado porque ali se encontra uma reserva colossal de alimentos de vida; o ser humano precisa de cuidado, já que se sente excessivamente solitário e abandonado, ainda que em meio ao progresso econômico.

A mulher é mestra na arte do cuidado. Aprendamos com ela. Ou o nosso mundo se tornará insuportável. Inabitável. Aprendamos antes que aconteça. Os presságios aí estão. Mas sempre é possível exorcizá-los, graças à presença da mulher.

**Professor Universitário - Terapeuta de Casal e Família - E-mail: jordeon@orion.ufrgs.br (Publicado em Versão S. mar/2002)*

- ❖ *Ainda se percebem os restos da histórica desvalorização da mulher?*
- ❖ *O machismo pode estar sobrevivendo disfarçado? Há algum exemplo?*
- ❖ *A crescente participação da mulher em profissões que eram "de homem" - e na vida política, em cargos públicos, na Igreja - tem mudado a sociedade? O que parece ter mudado?*
- ❖ *O que ainda falta para a plena valorização da mulher na família, na sociedade, na Igreja?*

O exercício do olhar

As pessoas quando vão para a natureza geralmente pensam em fazer algo, exercitar-se, caminhar, correr, jogar algum jogo. Tente coisa diferente: exercite os olhos. Também eles precisam de exercício. Caso contrário, ficam cegos. Vão sem nada ver. Mas, para isso, é preciso acalmar a obsessão com exercitar os músculos e o coração. Tranqüilize-se. Pare e veja. Os ipês rosa estão maravilhosos. Dentro de poucos dias as flores terão caído. Os galhos estarão nus. Lembre-se que assim é a vida... (Rubem Alves).

Para entender a ALCA

Helio Amorim*

Acordos de livre comércio visam à remoção de barreiras à competição comercial no mercado internacional. Entre parceiros de capacidade econômica e tecnológica equivalente, tais acordos funcionam, abrem perspectivas ao desenvolvimento integral, criam sinergia pela complementaridade de suas capacidades produtivas, resultando benefícios para as populações dos países que se associam.

A UE parece ser um exemplo. Foram décadas de negociações, com parcerias e fortes investimentos nos países mais ricos em Portugal, Espanha e Grécia, para nivelar capacidades, até a concretização do acordo, que culminou com a recente unificação das moedas. Não pode haver competição honesta entre desiguais.

No caso da ALCA, esse equilíbrio prévio não está previsto. Há uma pressa suspeita, um açodamento por parte dos Estados Unidos, como se fora algo que pensam ser capazes de impor "goela abaixo" a parceiros economicamente frágeis, para funcionar já em 2005.

Por outro lado, além de obviamente divergentes os interesses dos países envolvidos, não são tampouco convergentes os interesses internos em jogo.

Para o Brasil, o melhor caminho seria a prévia ampliação do Mercosul para a formação de um bloco com peso maior, antes de prosseguir em negociações com Estados Unidos, União Européia e mesmo com o Japão. Pode ser conveniente um acordo prévio bem feito com a UE, antes da ALCA. Aumentaria o poder de negociação do bloco do sul.

Nunca é demais ressaltar o óbvio: a remoção uniforme de barreiras tarifárias e a homogeneização de legislações tributárias, fiscais, trabalhistas, previdenciárias etc. pode interessar vivamente a determinados setores exportadores e resultar desastrosa para outros setores, se não estiver associada a adequadas salvaguardas que considerem as especificidades setoriais.

Outro dado insidioso tem sido denunciado, reiteradamente em

acordos existentes: a criação ou manutenção de barreiras não-tarifárias que podem desequilibrar a competição ou definir fluxos exportadores de mão única para certas atividades ou produtos. São condições aparentemente inocentes que manejadas habilmente pelos países ricos, trancam as importações que não lhes interessam, ainda que desejadas pela população. Ora são "controles sanitários", ora "certificação do produto" ou "impacto ambiental na origem"...

Pre vemos que a ALCA, se chegar a concretizar-se, será uma extensão do NAFTA aos demais países do continente. O NAFTA é o acordo de livre comércio firmado entre Canadá, Estados Unidos e México, vigente há cerca de oito anos. Com efeito, os Estados Unidos tiveram enorme dificuldade para aprovar o NAFTA no Congresso americano. A aprovação da ALCA no mesmo Congresso seria impraticável se em relação ao NAFTA acrescentasse qualquer cláusula que não fosse claramente favorável ao comércio norte-americano. Por isso, para sossegar os seus senadores, aquele país já tem anunciado que pretende incluir na ALCA somente os temas de seu interesse.

Nesses posicionamentos está configurada uma lícita defesa dos interesses norte-americanos e os compromissos políticos internos do seu governo com o setor produtivo daquele país. O mesmo deve pautar os posicionamentos do Brasil e demais países envolvidos no acordo. O problema é o enorme desequilíbrio de poder entre os

países. Os Estados Unidos têm poder de negociação infinitamente superior ao dos parceiros da ALCA. É capaz de exercer enormes pressões econômicas e políticas que neutralizem oposições às propostas. Por isso, pode-se prever que o acordo tenderá a criar condições mais favoráveis ao comércio norte-americano e às mega-empresas e, conseqüentemente, desfavoráveis aos parceiros.

Os acordos internacionais de livre comércio, por definição, estendem a uma área geográfica maior a competição livre praticada dentro das fronteiras do país. O Brasil tem força para eliminar as barreiras tarifárias e a competição deveria supor que as empresas dos países que abrem suas fronteiras tivessem capacidade de competir com as empresas de outros países. Mas não é assim. O desequilíbrio imenso entre as capacidades econômico-financeiras e a disponibilidade de financiamento os diferentes estágios de desenvolvimento tecnológico e outros muitos elementos que tornam a decisão extremamente arriscada a total abertura das fronteiras de comércio a curto prazo.

Para analisar os efeitos da ALCA para o Brasil, o mais recomendável será conhecer amplamente o que se passa nos países do NAFTA, especialmente o México, já que o Brasil poderia ser o México da ALCA, pelas semelhanças entre os dois países. Certamente será possível identificarem-se os setores ou grupos que se terão beneficiado com o acordo, e aqueles que

de que sem o Brasil, a ALCA não acontecerá. E se o Brasil não aderir ao acordo, o Mercosul não poderá participar, por imposição de suas normas que só permitem negociações conjuntas dos quatro países. A ALCA com apenas os demais países não interessa aos Estados Unidos.

Essa é a força de que dispõe o Brasil para uma negociação que interesse de fato aos brasileiros. Que não se faça se assim não for. Dependemos, portanto, da qualidade do novo quadro político brasileiro e da mobilização popular para impedir a transigência dos nossos negociadores, com a subordinação do país às pressões norte-americanas que não faltarão e não serão pequenas.

* Editor de Fato e Razão. MFC.

O Ministério da Saúde adverte:

**FUMAR CAUSA
CÂNCER DE PULMÃO**

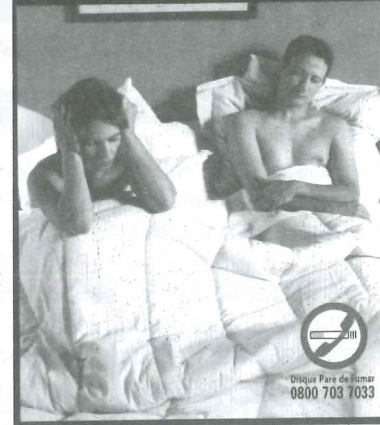


Disque Pare de Fumar
0800 703 7033

**Pesquisa
de opinião:
Responda
depressa:
O que é
melhor?
Você é
livre para
escolher.
Escolha
com
cuidado.
Ou deixe
esse
veneno de
lado.**

O Ministério da Saúde adverte:

**FUMAR CAUSA
IMPOTÊNCIA SEXUAL**



Disque Pare de Fumar
0800 703 7033

Para desenvolver as melhores condições de vida os vegetais, animais e, mais ainda, os seres humanos precisam fundamentalmente de amor, como os organismos necessitam de água ou de luz para sobreviver. Isso é assim porque fomos criados por um Amor absoluto e incondicional o qual muitos chamam Deus.

Em ti está a Fonte da Vida

Marcelo Barros*

A missão das religiões é defender a vida e testemunhar que onde alguém vive a solidariedade e pratica o amor, Deus aí está. O salmo canta: Em Ti, está a fonte da vida (Sl 36). Uma comissão internacional, formada por cristãos de diferentes Igrejas, escolheu este tema para ser aprofundado, durante

uma semana consagrada à oração por Deus, fonte de vida e amor, mais pela unidade dos cristãos. O costume de dedicar cada ano uma semana à oração pela unidade das Igrejas nasceu de uma iniciativa de pastores metodistas e anglicanos no início do século XX. No ano de 1897, propunha consagrar os dias 18 e 19 de maio, em uma assembleia de oração pela unidade cristã. Em 1968, em uma assembleia de oração pela unidade cristã, em Calcutá, Thomas Merton afirmou: "O nível mais profundo da explicação que a divisão é contra a vontade de Cristo, é um escândalo para um mundo já tão dividido e carente de unidade. Assim sendo, a divisão é um obstáculo à própria missão da Igreja. O mesmo documento reconhece que a divisão se dá por causa do nosso orgulho, desamor e incapacidade de diálogo. Em 1968, o papa Paulo VI colocou-se diante dos pastores e representantes de outras Igrejas ajoelhou-se diante deles e, em nome da Igreja Católica, pediu perdão pela parcela de culpa que temos na divisão. Ele pediu que todos os católicos se empenhassem em expressar a sua fé de um modo

uma e não que nos divida dos outros. Cipriano de Cartago, no século III, dizia: A unidade não é a divisão, mas respeita as diferenças. João XXIII afirmava que os elementos que unem as diferentes Igrejas são muito mais importantes do que os pontos que dividem. À medida que as comunidades e suas lideranças de diferentes religiões se aproximarem mais

descobrimos que já estamos mais próximos uns dos outros do que pensávamos. Aqui, não estamos descobrindo uma unidade nova. Nós já somos Um. Mas imaginamos não ser. O que temos de reencontrar é nossa unidade original. O que temos de ser é o que nós somos"¹.

¹Monge beneditino, autor de 25 livros, dos quais o mais recente é *O Espírito vem pelas Águas*. Ed. Rede. Fax: 062- 3721135. Email: mostecum@cultura.com.br

²Extemporaneous Remarks by Thomas Merton, citado por JEAN-CLAUDE BASSET, *Le Dialogue Interreligieux, histoire et avenir*, Paris, Ed. du Cerf, 1996, p. 122. (Rede de Cristãos das Classes Médias)

Conhecemos ou temos participado de experiências e práticas sociais ou religiosas em que se juntam e se abraçam diferentes confissões cristãs? E não-cristãs? Devem acontecer? De quem deve partir a iniciativa? Como avaliamos essa comunhão interreligiosa se existe ou, ao contrário, o fato de elas não acontecerem na nossa cidade? Como interpretar: "...para que todos sejam um". Há uma Fonte de Vida comum a diferentes religiões? É possível a unidade na diversidade?

Autoconfiança

Duas crianças estavam patinando em cima de um lago congelado. Brincavam sem preocupação. De repente, o gelo se quebrou e uma das crianças caiu na água.

A outra, vendo que seu pequeno amigo se afogava, pegou uma pedra e começou a golpear o gelo com todas as suas forças. Conseguiu quebrá-lo e salvou seu amigo.

Quando os bombeiros chegaram e viram o que havia acontecido, perguntaram ao menino: "Como você fez? É impossível quebrar o gelo com essa pedra e mãos tão pequenas!"

Um velho que viu o que aconteceu disse: "Eu sei como ele conseguiu".

Os bombeiros perguntaram: "Como?"

Ele explicou: "Não havia nenhum bombeiro por perto para lhe avisar que era impossível..."

(Atribuído a Albert Einstein).

Um copo de leite

Coisas que acontecem na vida real

Um dia, um rapaz pobre que vendia livros de porta em porta para pagar seus estudos, viu que estava sem dinheiro e tinha fome. Decidiu que pediria comida na próxima casa. Porém, seus nervos o traíram quando uma mulher jovem lhe abriu a porta. Em vez de comida pediu um copo de água.

Ela percebeu que o jovem estava faminto. Então lhe deu um bom copo de leite. Ele bebeu devagar e depois lhe perguntou?

"Quanto lhe devo?"

"Você não me deve nada" - respondeu ela.

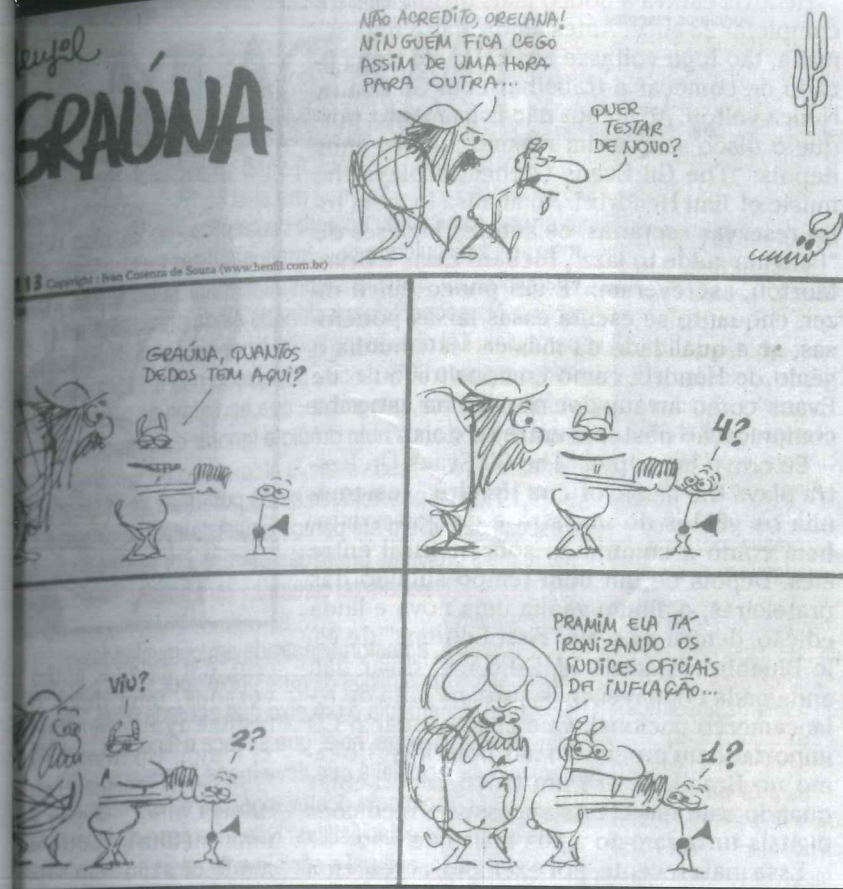
Ele agradeceu aliviado.

Quando saiu daquela casa, não só se sentiu mais forte fisicamente, mas também sua fé em Deus e nos homens ficou mais forte. Já andava resignado a se render e deixar tudo.

Anos mais tarde essa jovem mulher ficou gravemente doente. Os médicos locais estavam confusos. Finalmente a enviaram à cidade grande e chamaram um especialista para estudar sua rara enfermidade.

O Dr. Howard Kelly veio examiná-la. Quando escutou o nome do povoado de onde ela viera, desconfiou de uma possível coincidência. Subiu ao seu quarto e a reconheceu. Depois de uma demorada luta pela vida da enferma, o médico ganhou a batalha.

Então veio a conta do hospital. Ela tinha medo de abri-la, porque imaginava que levaria o resto da sua vida para pagá-la. Finalmente abriu o envelope. Embaixo das contas estava escrito e assinado pelo médico: "Pago totalmente com um copo de leite".



Em tempos de dura repressão política no Brasil, os humoristas eram as válvulas de escape de nossos medos e a compensação às frustrações de impossíveis protestos. Rompendo com inteligência a brutalidade da censura, usando fina ironia contra a tesoura de brutamontes incapazes de entendê-las, o nosso saudoso e genial Henfil usou sua Graúna, o bode Orelana e o cangaceiro Zeferino, personagens da caatinga, para denunciar a mentira, as perseguições e a tortura.

O Jornal do Brasil teve agora a feliz idéia de republicar, cada dia, suas antigas e sempre atuais críticas à verdade oficial. Nesta, Henfil caçoa da inflação de 22% estabelecida por decreto para os reajustes de salários, no ano em que a verdade a multiplicava por quatro... Para quem não se lembra, Henfil era irmão do igualmente saudoso Betinho.

O IBGE divulgou, no início de maio de 2002, dados preliminares do Censo 2000, coletados em 0,24% dos domicílios do País (108.989 moradias). No quesito religião, o catolicismo está em baixa. No censo de 1991, os católicos representavam 85,7% da população brasileira. O índice decresceu em 11,9%. Agora, são 73,8%. Ainda são maioria: 125 milhões de brasileiros. Os evangélicos tiveram um aumento de 70,7%. Representavam 9,05% da população em 1991. Subiram para 15,45%. Em números absolutos, duplicaram de 13 milhões de fiéis para 26 milhões. Cresceu de 4,8% (1991) da população para 7,3% o percentual dos que se declaram sem religião - 12,3 milhões de pessoas. Em 1991, eram 6,9 milhões. O crescimento foi de 52,3%. Diversifica-se entre nós o pluralismo religioso. Em 1991, declararam-se adeptos de outras religiões 2,4% da população. Agora o percentual é de 3,6%.

Frei Betto*

O MAPA DA

A redução do número de católicos no Brasil se meu ver, à dificuldade de a Igreja atualizar seus métodos de evangelização, flexibilizando sua estrutura eclesiástica. Na geopolítica missionária ainda predominam as paróquias. Tal divisão territorial é pré-moderna. Num país que abriga mais de 80% de sua população nas cidades, já a vizinhança física, geográfica, que aproxima as pessoas, não morar há dez anos num prédio e ignorar o nome do vizinho não é mais uma porta.

Hoje, a proximidade se dá por áreas de interesse. Pessoas que vivem em pontos equidistantes da cidade não se encontram muito mais próximas umas das outras - por razões de natureza afetivas, profissionais ou culturais - que habitantes de um mesmo bairro.

Assim, a pastoral centrada em comunidades e movimentos apostólicos deveria prevalecer sobre a fixa e paroquial. A paróquia é um eixo que aguarda o fiel. O modelo de evangelização exige, hoje, que se faça o itinerário inverso: a comunidade eclesial é que deve ir aos fiéis e aos infieis.

O crescimento dos evangélicos reflete a flexibilidade de suas estruturas eclesiásticas. Não há o peso da hierarquia. Pastores estão, cultural e socialmente, mais próximos da realidade. A catequese rudimentar dispensa conceitos teológicos complexos e, em algumas igrejas, a conversão é caracterizada pela saída da boca ao fumo e às bebidas alcoólicas, e a abertura do bolso ao sustento da instituição.

Não proponho tal modelo como exemplo. Mas ele explica alguma coisa. Sobretudo vale ressaltar o atendimento personalizado. Difícil bater à porta de uma paróquia à noite e ser atendido por um padre. Para chegar a uma campanha o fiel terá de vencer a barreira de grades que separam o templo da rua.

Antigos cinemas, os templos evangélicos são verdadeiras bocas canibais, permanentemente abertas e com a língua passa à porta. Sei do caso de uma empregada doméstica agredida pelo marido bêbado, saiu da favela às 2 da manhã e, num templo neopentecostal, encontrou um casal disposto a consolá-la. O casal retornou à casa com ela e o marido e orou com a família, que, no dia seguinte,

na igreja.

Quanto católicos são instruídos na leitura da Bíblia, como faz o Centro de Estudos Bíblicos com quem participa de comunidades eclesiais de base (CEBs)? Quanto têm o hábito de lê-la em família?

Ao indagar "qual a sua religião?", o IBGE recebeu cerca de 35 mil respostas diferentes que, buriladas, resultaram em 5 mil; enfim, reduzidas a 144 classificações. Os católicos, evangélicos e sem religião representam a maioria da população, os espíritas são o quarto grupo, com 2,3 milhões de pessoas.

Umbanda e candomblé tiveram seus adeptos percentuais reduzidos de 0,4% (1991) para 0,3%. Cresceu o número de adeptos de religiões orientais. Os budistas (245 mil) superaram os seguidores do judaísmo (101 mil). Os muçulmanos contam 18,5 mil brasileiros. Os praticantes de religiões tradicionais são 67,2 mil e os de tradições indígenas, como o Santo Daime, somam 0,7 mil.

Um dado interessante do Censo 2000: o Estado do Rio de Janeiro abriga o maior número dos sem-religião: 15,53%, ou 2,2 milhões de pessoas. É o Estado menos católico, ocupando o 27º lugar, com 57,2% da população: representa, em relação ao censo de 1991, um decréscimo de 15,5%.

O episcopado fluminense é tradicionalmente avesso às CEBs e à Teologia da Libertação, com exceção de umas poucas dioceses, como Volta Redonda e Duque de Caxias.

Por que as religiões tradicionais estão perdendo seus seguidores? O que pode estar levando a esse afastamento? Deve haver mudanças? Quais são as novidades e práticas que mais atraem fiéis para as igrejas que surgem por toda parte? Esse fenômeno tem trazido benefícios para o povo? Vale a pena fazer uma avaliação objetiva.

Me diga com quem andas e te direi se vou contigo. (Dito popular) Mas se lê o fato e a razão, és por certo boa companhia. Vou contigo.

Nem por isso a posição conservadora fez aumentar o número de fiéis.

Estados onde as CEBs se multiplicaram - como Ceará, Paraíba, Maranhão, Santa Catarina, Minas e Rio Grande do Sul - ocupam os dez primeiros lugares no ranking das populações mais católicas. E, inversamente, figuram na rabeira da lista dos Estados com menos religiosidade.

São Paulo é o 18º Estado mais católico do País, com 70,8% da população. Uma redução de 13,4% em relação ao censo anterior. Entre um censo e outro, os evangélicos ganharam mais espaço no Rio, com 21,1% da população. Em São Paulo, eles representam 17,3%.

Todos esses dados constituem um desafio às denominações religiosas, que não devem encará-los segundo o peso da quantidade, mas sim da qualidade. Pois de que vale um fiel que não abre o seu coração aos excluídos?

**Frade dominicano, autor de A Mula de Balaão (Salesiana), entre outros livros.*

Caridade tem, no nosso vocabulário, uma dimensão teológica. Vem do linguajar cristão. A palavra latina "charitas", que deu origem ao termo "caridade" em português, é a tradução de "agape". No grego bíblico, este termo quer exprimir o "amor" de outra natureza que as palavras "eros" e "philia" na linguagem profana. É o amor envolvido pela força do Espírito Santo.

O sentido da caridade

J. B. L.

Amor-caridade encontra sua expressão verdadeira naquele que Jesus nos demonstrou. Daí o seu mandamento ser formulado: "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei". A expressão mais perfeita desse amor se manifestou na sua morte na cruz. Aí ele realizou em grau máximo o amor "dando sua vida" e "amando seus inimigos" no gesto do perdão.

Nosso amor humano será tanto mais perfeito quanto mais se aproximar desse amor de Jesus.

Temos nele o grande critério de discernimento dos gestos caritativos que se fazem no mundo atual.

A palavra "dar a vida" é uma atitude radical de dom de si e real para qualquer ato de caridade. "dar a vida" tem um duplo movimento de saída de si e de entrada para o outro. Na saída de si, dá-se algo da própria vida. Na ida para o outro, dá-se ao outro algo de si.

Vejamos em concreto os gestos caritativos que as pessoas, os governos, as empresas fazem. A medida que eles dão algo de

de si mesmos e não buscam seus interesses – prestígio, votos, isenções fiscais – o ato adquire nível de verdadeira caridade. Enquanto sujeito, a carência objetiva de qualquer dom de si esvazia o ato de sua verdadeira natureza de caridade. E pode ser até venal no sentido de enganar as pessoas propagandisticamente ou de vinculá-las a obrigações eleitoreiras ou de ser puro exibicionismo. Em ano eleitoral, vemos multiplicarem-se gestos de ajuda que só conservam a aparência altruística. No fundo, eles têm interesses de propaganda eleitoral. E muitas vezes feitos com dinheiro do Estado. De caridade não têm nada. Podem mesmo pertencer ao gênero da corrupção ativa. O sujeito que os pratica não participa em nada da virtude da caridade.

No entanto, não deixam de trazer algum proveito para pessoas parentes. Estas, embora por vias erradas, acabam recebendo um pouco de vida. Esta é a ambivalência da história. Os atos humanos podem produzir algum benefício a despeito da intenção de quem os pratica.

Aproximando-se do ideal cristão, os gestos caritativos requerem do sujeito que o faz a atitude radical de dom de si e real benefício para o destinatário. Quando essas duas condições se realizam, pratica-se a caridade

cristã. Com esses dois olhos devemos considerar os atos de beneficência.

Estão em jogo atos de dimensão diferente. A análise também deve respeitar tal diferença. O ato subjetivo se constata pela sinceridade da pessoa. Só ela no fundo sabe da motivação real de seu gesto "caritativo".

O ato diz também respeito ao bem objetivo de outra pessoa. Sob esse aspecto, ele pode ser analisado sob diversos ângulos. Isso torna difícil emitir um juízo apodíctico do ato. Vejamos o caso de ações assistencialistas. Sob o ângulo da urgência da situação de extrema carência de alguém, ele é sempre de "vida", portanto participa da objetividade da caridade. Enquanto pode adormecer a consciência política das pessoas, tornando-as dependentes, menos "vivas", este ato não é de vida. Logo não participa da objetividade da caridade.

Cabe, por isso, balancear essas análises para evitar radicalismo de qualquer lado, seja defendendo ferrenhamente o assistencialismo, seja condenando-o globalmente.

Numa palavra, a caridade oferece luz para discernir. E em cada situação se deve exercer o discernimento e assim proceder.

Jornal de Opinião. Nº 584, agosto 2000

A quem está com fome, dar o peixe, antes que morra. Só depois, recuperadas as forças, dar-lhe o anzol e ensinar-lhe a pescar. Mas não basta. É preciso garantir-lhe o direito de comer o peixe que pescar. Não é o que acontece. O dono do pesqueiro fica com o peixe e lhe paga um salário que não compra o peixe." (in "Descomplicando a fé").

CELIBATO & PEDOFILIA

A Igreja católica é uma instituição curiosa. Ao contrário de todas as outras, não busca atrair os melhores, os santos, mas os pecadores. E oferece a eles apoio, tolerância e, sobretudo, a misericórdia divina. Segue, assim, o exemplo de Jesus.

Se não pede atestado de santidade a seus fiéis, a Igreja católica exige virtudes heróicas de seus bispos, padres e religiosos. Entre elas, a castidade, que nem Jesus exigiu de seus apóstolos; prova disso é a cura da sogra de Pedro (Marcos 1,30). Quem teve sogra, teve mulher.

Jesus abraçou, como Paulo, o celibato, enfatizando-o como um dom que não tem valor em si, e sim enquanto entrega radical à missão, à causa do Reino de Deus (Mateus 19,1-12). Nos primeiros séculos da era cristã, vocação sacerdotal e celibato não coincidiam. Os padres se casavam, embora a comunidade, ao eleger os bispos, preferisse aqueles que estivessem livres de vínculos familiares, como ainda hoje na Igreja Ortodoxa Russa.

Dizer que a Igreja católica adotou o celibato sacerdotal compulsório para não ver seus bens se dispersarem em mãos de herdeiros é ignorar a hegemonia que, a partir do século VIII, o monaquismo passou a exercer sobre ela, enquadrando os clérigos nas regras dos monges. Se o

argumento do apego à propriedade tivesse fundamento, as Igrejas cristãs não-católicas já teriam e inclusive as instituições religiosas não-cristãs.

Casos de pedofilia na Igreja católica são a ponta do iceberg de uma instituição que comete o equívoco de congelar o debate sobre a obrigatoriedade do celibato e da castidade. Nenhum ser vivo livre da pulsão sexual, incluindo Jesus. Clandestinizar a questão como se todos os candidatos a sacerdócio fossem anjos, é deixar correr por baixo uma energia que, se não for bem canalizada, acaba estourando em vítimas inocentes, mais hediondo crime sexual. Mas o grave do que este crime é acobertado, deixando à solta quem deve estar sob tratamento.

Na ânsia de captar vocações sacerdotais, nem sempre os seminários selecionam criteriosamente os candidatos. Os submete a testes psicológicos. Ora, se o trânsito os exige, devolvendo a eles a responsabilidade de conduzir o veículo pelas ruas, o que dizem dos homens e mulheres que, revestidos

de suposta sacralidade, verão os seus escancararem, junto a eles, seus corações e mentes?

Seminaristas e padres são, como todos os seres humanos, heterossexuais ou homossexuais. Como esperar que assumam o celibato como dom de Deus se não encontram em suas comunidades espaço de liberdade para conversar, sem culpas ou escrúpulos, sobre masturbação, atração, envolvimento afetivo, desvios sexuais? O que há de pedagógico em considerar o casamento um estado de pecado insensato, como dizia santo Agostinho, ou exaltar como exemplo o celibato de São Luís Gonzaga não achar nem para a própria mãe? Não seria o que o santo jesuíta fosse tão

Sexo é como política, quanto menos se fala, mais besteira se faz. A Igreja católica está na obrigação de punir severamente os casos comprovados de pedofilia, sem tentar jogar a sujeira debaixo do

Como nos posicionamos frente a esse problema não resolvido? Como os laicos cristãos podem colaborar para uma reflexão mais profunda sobre a questão do celibato obrigatório do clero?

Elas frases machistas sobre a mulher...

"Não há cólera mais violenta que a das mulheres; mais vale habitar entre leões e serpentes do que viver com uma mulher colérica".

Placido Clesias.

"As mulheres costumam ser implacáveis para dar mais encanto ao seu coração".

Honoré Balzac, escritor francês (1799-1850).

"A intuição é aquele estranho instinto que permite a uma mulher saber que está certa, esteja certa ou não".

Helen Rowland, jornalista e escritora americana (1875-1950).

tapete. Mas se quer evitá-los, deve reabrir o debate sobre o celibato obrigatório, a reinserção ministerial dos padres casados, o sacerdócio das mulheres.

Cuidar melhor da formação de futuros padres é educá-los a preferir a oração ao violão, os livros de teologia às novelas de TV, a opção pelos pobres ao status clerical como trampolim ao poder.

A aversão ao sexo e à sexualidade é uma grave anomalia. Jesus não repudiou o próprio corpo; ao contrário, deixou-se tocar por mulheres (Lucas 7,36-50; 8,45) e, movido pela mística que o unia ao Pai, soube transcender a própria sexualidade. Ensinou-nos que o corpo, templo do Espírito Santo, é sagrado e inviolável. Mas sem estar impregnado do espírito de Amor é capaz de aberrações.

**Escritor, autor do romance Hotel Brasil (Ática), entre outros livros.*

Escravos da dívida

O tráfico internacional de pessoas - principalmente para o comércio sexual - e a prática de trabalhos forçados - com trabalhadores mantidos como escravos até saldarem dívidas com seus patrões - estão ocorrendo no Brasil e são motivo de grande preocupação.

Falta, no entanto, conhecer a verdadeira extensão do problema. O Departamento de Estado norte-americano divulgou em 12 de julho um relatório que situa o Brasil entre os países que, embora trabalhem para melhorar suas leis, não garantem ainda a proteção necessária às possíveis vítimas. Informações divulgadas no final do ano passado na imprensa e reproduzidas em veículos de comunicação como a BBC atribuem à Organização das Nações Unidas e à Federação Internacional

Helsinque de Direitos Humanos a autoria de dados surpreendentes: 15% das mulheres obrigadas a prostituir na Europa seriam brasileiras, somando aproximadamente 75 mil mulheres, o que levaria o país ao posto de maior "exportador de escravos" da América do Sul. E mais: 95% teriam sido traficadas.

Impressionante, sem dúvida, mas a conta pode estar errada. Coordenadora no Brasil do Programa das Nações Unidas para o Controle de Drogas e Prevenção do Crime, Cíntia Freitas, confirma o problema, não os números. Depois de ter tomado conhecimento de qualquer análise quantitativa feita pela ONU sobre o tráfico de mulheres e garante que seria uma tarefa árdua: "Nós não quantificamos, porque obter dados é muito difícil. É uma atividade ilícita e as pessoas têm medo de denunciar. Sabemos que esse é um problema que sempre existiu e acredito que, neste momento, começa a ser visto por outros olhos pela sociedade. Do ponto de vista criminal e social".

Soma: Parceria à vista

A obtenção de dados reais sobre o tráfico de pessoas pode se tornar realidade em breve. A ONU, por meio do Centro para Prevenção ao Crime Internacional (CICP), está formalizando uma parceria com o Ministério da Justiça para levantamento de dados e treinamento especializado para a polícia e o Ministério Público. Haverá ainda campanhas de mobilização social. A expectativa é que o projeto comece a funcionar dentro de dois meses. Consolidada a parceria, a idéia é promover um intercâmbio com especialistas de outros países nas áreas jurídica e criminal. O governo português já ofereceu apoio financeiro. "Portugal tem se esforçado muito no combate ao tráfico e manifestou o desejo de cooperar", diz Cíntia.

"Recentemente, em Palermo, na Itália, durante o Congresso contra o Crime Organizado Internacional, um dos protocolos assinados previa a ação conjunta entre países".

A dificuldade de reunir dados significativos para uma análise adequada da situação é confirmada por representantes de organizações de defesa dos direitos humanos. James Cavallaro, diretor jurídico do Centro de Justiça Global, diz que praticamente não existem informações concretas sobre o tráfico de pessoas e se mostra cético em relação aos dados supostamente apurados: "Desconheço esse levantamento, por isso prefiro não comentá-lo. É preciso antes saber como isso foi feito, porque pode até ser um

'chute', adverte. Mesmo o relatório do Departamento de Estado norte-americano dedica pouco espaço ao Brasil e não faz menção a números. "Participei de reuniões com as pessoas que prepararam esse documento. Eles admitiram que os dados não são consistentes", revela.

Cavallaro acrescenta que a falta de informações é comum também ao problema do trabalho escravo no Brasil, particularmente no meio urbano. "Não duvido que o problema seja grave", diz ele. "Na área rural, os dados sobre trabalho escravo são mais significativos para as políticas públicas. Há um grupo



sério atuando nesse campo, que é a Comissão Pastoral da Terra. Ainda assim, eles estão vendo apenas a ponta do iceberg".

Ex-membro da CPT, hoje presidente do Conselho Deliberativo do Centro de Justiça Global, o padre Ricardo Rezende tem acompanhado o que chama de trabalho escravo contemporâneo. "Essa situação de trabalho escravo por dívida existe desde o século 19, quando europeus e asiáticos eram trazidos para substituir os negros", lembra. "Os trabalhadores são recrutados, se endividam com os próprios patrões e acabam obrigados a permanecer até pagarem o que devem, o que é praticamente impossível. É um problema antigo, e não apenas brasileiro. No Primeiro Mundo, em geral, a vítima é um imigrante estrangeiro. No Brasil, temos a escravidão nacional, com pessoas trazidas de outros estados, e a internacional, que usa mão-de-obra africana ou asiática e ocorre mais em áreas urbanas".

Padre Ricardo Rezende reconhece que a incidência de casos é mais violenta nas regiões Norte e Centro-Oeste, mas cita denúncias feitas em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Paraná.

Ele admite que o governo federal tem feito algum esforço no combate à escravidão, antes quase restrito à iniciativa da Comissão Pastoral da Terra, e destaca, particularmente, o apoio do Grupo Móvel de Fiscalização do Ministério do Trabalho. "Mas acho que teria de haver uma ação conjunta do Gertraf (Grupo Executivo de Repressão ao Trabalho Forçado, vinculado ao

Ministério da Justiça) e do Ibama. Se o Ibama fiscalizasse as áreas com evidência de desmatamento, limpeza de pasto, usando mapas por satélite ou helicópteros, seria possível ter resultados melhores", sugere. O empecilho é a falta de equipamentos.

Localizar onde há trabalho escravo é uma ponta do problema. A outra é a punição dos responsáveis. Segundo o padre, raramente fazendeiros e pistoleiros são punidos. "É que, muitas vezes, os agentes policiais são amigos dos fazendeiros. Então o que ocorre, geralmente, é uma multa trabalhista", lamenta.

Cavallaro endossa: "Quando se tem aumentado a chegada de mais vulneráveis as vítimas, mais espaço se dá para a corrupção e o abuso. A corrupção é um dos fatores principais para a não punição ou apuração dos crimes".

Multiplicação: globalização da miséria

As vítimas mais comuns do trabalho escravo são pessoas desempregadas, pobres, analfabetas ou semi-alfabetizadas. Em geral, os empreiteiros procuram a mão-de-obra em outros estados para a prostituição, por outro lado, recrutam seus "operários" em fronteiras mais distantes e parece um fenômeno tipicamente urbano. Em tudo isso Roberto Monte, presidente do Conselho Estadual de Direitos Humanos do Rio Grande do Norte, membro da DHnet - Rede de Direitos Humanos e Cultura, vê o que chama de globalização da miséria: "Estão se reproduzindo no exterior as coisas que já acontecem aqui, de meninas sendo levadas do interior para os grandes centros urbanos".

A situação do país, analisa Monte, talvez estimule as pessoas a procurarem alternativas de ganhos aparentemente fáceis no exterior. Tem muita gente querendo entrar para a prostituição. E essas pessoas são, pelo menos, alfabetizadas. Isso é quase servidão voluntária", afirma. "Existe uma crise social aparente. É a face barrada do país, que não cresce, não dá perspectivas".

Roberto Monte percebe um movimento intenso de turismo sexual, em especial no Nordeste, onde tem aumentado a chegada de charter provenientes da Europa. "Parece uma indústria", afirma. "Se a gente não pegar essas notas, não vai entender. Falam em Israel, Espanha, as pistas já existem. E eu acho que tem muito mais doideira por trás disso do que se pode imaginar, como drogas ou tráfico de órgãos", especula.

Divisão: um outro ponto de vista. O jornalista Flávio Lenz, assessor da Rede Brasileira de Profissionais do Sexo, faz uma distinção entre o tráfico de pessoas e a ida de brasileiros para a prostituição no exterior. Ele acredita que a maioria dos contratados já sai do país sabendo o que vai fazer. Essas pessoas dependem de um agente. Como as despesas, num primeiro momento, são pagas por ele, existe uma prática ilegal de reter o passaporte até que se pague a dívida, então a pessoa fica em situação de dependência, vivendo

em situação irregular em um país estrangeiro".

Lenz argumenta que existem casos de mulheres que conseguem pagar suas dívidas e tentam se estabelecer. "Quanto a tráfico de pessoas, isso é caso de polícia, seja qual for a profissão", diz ele.

Em relação aos dados divulgados sobre a quantidade de brasileiras prostituídas na Europa, o jornalista faz duras críticas e lembra que a própria ONU já teve seus números contestados pelo governo brasileiro: "Isso é um 'chute' absurdo", protesta. "A divulgação desses números movimentou dinheiro, fundos e verbas para projetos. Não são confiáveis, são informações divulgadas com intenções financeiras ou políticas".

Subtração: a conta do atraso

A anunciada parceria entre o CICP e o Ministério da Justiça acena para a possibilidade de, enfim, termos dados consistentes para implementar políticas públicas e estimular ações de combate ao tráfico de pessoas, à escravidão e aos demais aspectos dessa triste realidade. Na falta de números, por enquanto, fica a dúvida sobre a extensão de um problema que se mostra grave. Por ora, a certeza que se pode ter é que são todos escravos de uma imensa dívida social.

Fonte : <http://www.rits.org.br>

Dinâmicas de grupo

Maria Sílvia Crusiol*

UM ENCONTRO DE IDÉIAS, SENTIMENTOS, PERCEPÇÕES, CONHECIMENTOS E CONSTRUÇÃO.

Trabalhar como participante ou como facilitadora em vários grupos, seja de aprofundamentos ou com catequistas, casais, educadores, professores, tem sido uma descoberta maravilhosa do meu processo de desenvolvimento e através do que vivencio, aprendo, troco, em busca de maior auto-conhecimento, auto-controle e motivação para a vida.

Estes são exercícios sem fim que vamos fazendo nos diferentes grupos, de maneiras diversas.

Não importa que segmento, atividade alguém desempenha, mas sem dúvida terá que se relacionar com outras pessoas, com a família, irmãos, colegas, companheiro, grupos da escola.

Vivemos num mundo que nos solicita a todo momento, a nossa participação no sentido de torná-lo cada vez melhor.

É nosso maior compromisso precisa ser o de "nos relacionarmos bem", ou seja, diminuir os desentendimentos e desencontros, melhorar nossas habilidades de gerenciar conflitos. Como?

- Oferecendo oportunidades de vivências sobre descobertas: si mesmo, descobertas do outro, das percepções e sentimentos; maneira como cada um lida com "suas" coisas;
- Aumentando nossa auto-estima, descobrindo nosso potencial de criar, amar, compartilhar e nos encontrar.

Continuamos oferecendo idéias para o seu trabalho.

9

Barbantes e nós

Objetivo = trabalhar auto-estima.

Material = pedaços de 30 cm de barbante.

Distribuir um fio de barbante para cada participante e perguntar:

- Quantos nós você acha que consegue dar em 2 minutos, com a **mão dominante** (esquerda/direita, conforme as pessoas forem canhotas ou destros).
- Perguntar às pessoas e levantar ou anotar as expectativas.
- Regras: ninguém pode ajudar com a barriga, com a boca, e muito menos com a outra mão (pedir para que a coloquem para trás).

- Dar o sinal para o início da atividade; o facilitador observa se todos estão seguindo as regras e escutando os comentários...
- Depois de 2 minutos, todos devem parar a atividade e o facilitador pergunta quantos nós cada um conseguiu dar:
- no caso de grupos pequenos – anotar;
- quando o trabalho é realizado com grupos grandes, mais de 20 pessoas, é mais prático perguntar: quem conseguiu dar apenas os nós que esperava?
- Quem deu mais nós do que esperava, e daí questionar: 2, 3 ...mais de 6?

Novamente repetir a atividade, distribuindo outro fio de barbante para cada pessoa. Desta vez a atividade será realizada com a **mão não dominante**,

(esquerda p/ os destros e direita p/ os canhotos)

- Quantos nós vocês acham que vão dar com a outra mão?
- Agir da mesma forma, com as regras, com o tempo e principalmente acompanhar os comentários que forem surgindo, e podendo reproduzir as palavras chaves (ex. agora está mais fácil, treinamos, não sabia que a mão esquerda era tão boa...)

- Processar com o grupo o que aconteceu durante a atividade:
- Por que será que conseguimos dar mais nós do que previmos?
- Por que será que sempre marcamos a menos?
- Será que a questão do barbante e dos nós tem a ver comigo?
- O que tem a ver com a vida, nossos atos, nossas atitudes...

10

Congresso das cores

Objetivo: Motivar para a participação ativa e o relacionamento construtivo dos participantes, no início de um encontro de jovens, de casais ou famílias.

Material: fitas coloridas distribuídas entre os participantes, nas cores indicadas.

DESENVOLVIMENTO

O animador vai contando uma "história":

"Certa vez, num Reino Encantado, num dia muito especial, um Rei convocou todas as cores para a abertura do **Congresso das Cores**".

"Queridos amigos...neste dia especial, quero agradecer a presença de todos, pois a participação de todos é muito importante neste(s) dia(s) de trabalho cujo objetivo será o nosso CRESCIMENTO pessoal, (conjugal, familiar)".

- Tenho a honra de convidá-los a ficar de pé, para ouvir o Discurso Oficial de Abertura do nosso Congresso.
- Na voz da minha fiel Secretária AQUARELA, que fará a leitura do texto (pode ser uma leitura do Evangelho ou algo do tema do encontro que vai começar).

Tendo ouvido o discurso, todas as cores com suas próprias características tonalidades vão-se acomodando → cada uma pode fazer o que quiser para sua fita, uma ornamentação em si mesma.

"E fica a palavra agora aberta aos presentes ...

Uma pessoa do grupo AMARELO é a primeira a falar: "Com todo respeito vou logo dizendo que CRESCIMENTO é saber distribuir apertos de mãos a todos, cumprimentando sempre os irmãos → pois a discriminação e a exclusão são grandes males sociais".

- todos os amarelos saem distribuindo apertos de mãos aos presentes

Outra pessoa do grupo AZUL logo se levanta dizendo: "Na minha opinião CRESCIMENTO é saber sorrir em qualquer situação, cultivar o bom humor e alegria, vencendo os obstáculos que normalmente surgem, nos nossos relacionamentos pessoais, conjugais, familiares, e nos grupos".

- todos os azuis saem distribuindo sorrisos e gestos com humor.

Alguém do grupo VERDE pronuncia solenemente seu discurso. "Meus amigos, CRESCIMENTO é abraçar as pessoas, desejando a elas todo o bem com um simples gesto carinhoso".

- os verdes saem abraçando os demais.

Agora uma do grupo BRANCO, muito tímida e discreta ousa levantar-se com coragem e firmeza e afirma: "Queridos amigos, CRESCIMENTO é conseguir ver a miséria interior de nossos amigos, casais, famílias, e ensinar-lhes, com gestos de carinhos, a ler a vida de maneira melhor.

- os brancos distribuem gestos de carinhos

Outra pessoa do grupo LARANJA, que não se agüentava mais, pois se queria falar sem que fosse a sua vez, pôde dizer empolgada: "Ora colegas CRESCIMENTO é despertar em cada criança, jovem, homem ou mulher, o casal e família, a consciência da sua própria dignidade".

- os laranjas saem dizendo: "Você é muito importante para mim e para todos nós".

Do grupo ROSA alguém vai levantar-se e olha NOS OLHOS das outras cores afirmando: "Caros amigos e amigas, CRESCIMENTO é fazer com Maria, que meditava e guardava todas as coisas em seu coração. Pois

Oração e a Reflexão nos levam a compreender e a viver o amor com todos".

- e os rosas saem convidando a todos a darem as mãos.

De repente.... um vento impetuoso, muito forte, soprou, soprou, causando grandes tragédias.

O vento da violência, da discriminação, da exploração, do analfabetismo... Todos teriam morrido, se não tivessem se unido num grande abraço para resistirem àquele vento terrível e devastador.

- todos se unem num grande abraço

E... o vento se foi... e o perigo passou... e as cores voltaram a sorrir, e a liberdade voltou, enquanto o Rei Vermelho aproveita para proclamar:

"Caros amigos, vocês viram o que faz o vento da exclusão? da indiferença? da falta de diálogo, do desrespeito? da omissão? Vamos lutar contra tudo isso, vamos nos unir e crescer juntos... eu os envio a serem pessoas, casais e famílias aquarelas, que façam brilhar o sol do otimismo, da alegria, do bom humor, do compromisso com seus irmãos, na luta por um mundo novo. Assim, começamos o nosso trabalho de hoje, um trabalho de crescimento pessoal e comunitário".

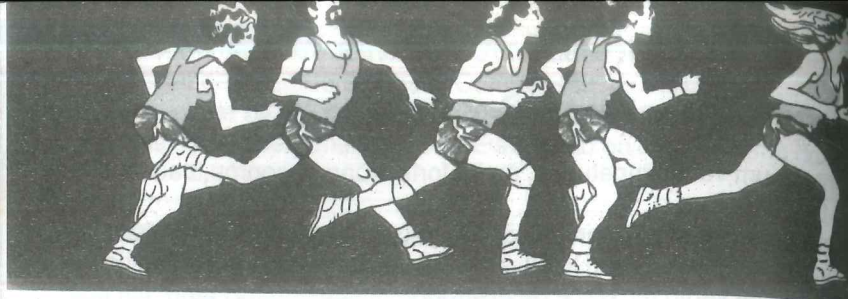
11

Guardanapos coloridos

Objetivo: Conhecimento e interação pessoal.

Material: Guardanapos ou panos coloridos, de diversas cores.

- Durante alguns minutos, o animador pede aos participantes que fiquem de olhos fechados, ao som de música suave, refletindo sobre seus sentimentos mais fortes nesse momento.
- Pede agora que abram os olhos e, em silêncio, escolham um guardanapo, procurando uma cor que tenha relação com os seus sentimentos.
- Formam-se grupos dos que escolheram a mesma cor. Cada pessoa vai explicar a relação que encontra entre a cor e os sentimentos que vai revelar.
- Depois de alguns minutos, o animador pede que cada um dobre e dê alguma forma ao seu guardanapo, e o que ela quer significar.



Não corra tanto

Você já parou para olhar crianças brincando num parque ou para ouvir o som da chuva quando chega ao chão?

Já parou para ver o vôo errante de uma borboleta?

Já ficou simplesmente observando o sol sumir dentro do escuro da noite?

Melhor ir mais devagar; não corra tanto.

Vá mais lentamente pela Vida. Ela não é tão curta quanto nos fazem acreditar.

Você voa apressado o tempo todo? Vá mais devagar; flutue no ar.

Quando pergunta "Como vai?", você escuta a resposta?

Quando acaba o dia, você se deita pensando em mil coisas para o dia seguinte? Durma em paz.

Você já disse a uma criança: "Vamos deixar prá depois..." - e, na sua pressa, não notou a sua inocente tristeza?

Você já deixou de conservar uma amizade, sabendo depois, que o amigo deixou este mundo sem seu adeus?

Uma amizade perdida no tempo, porque na sua pressa, deixou de lembrar de um simples "Olá"?

Quando você corre para chegar a algum lugar, perde metade da sua alegria para poder chegar lá.

Quando você se preocupa e se apressa o dia todo, é como deixar um presente embrulhado e depois jogá-lo fora.

A vida não é uma pista de corrida! Cuide-se e vá mais devagar!

Sinta cada instante, dance calmamente a música da alma e sinta a força da sua canção.

Dance, dance, mas dance devagar. Calma!

A música vai continuar... Com ou sem você!

MFC

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

Tome nota - novos endereços:

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Assinaturas e Expedição de Fato e Razão - Atendimento aos assinantes, assinaturas novas e renovações, números anteriores:

Distribuidora Fato e Razão

Lucia Helena Alcoforado e Inez Soares
R. Visconde do Rio Branco, 633 sala 1002
24020-005 Niterói - RJ

Tel/Fax (21) 2717-4878 - E-mail: texere@uol.com.br

Instalação de Postos de Vendas de Publicações do MFC nas Cidades - Atendimento a Revendedores

Agência MFC de Promoção de Vendas

Sede MFC - Rua Goiás, 132
20756-120 Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-1401 - Fax 2224-2693 E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Colaborações, críticas e sugestões:

Equipe de Redação de Fato e Razão

Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2224-2693 - E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Sede MFC - Rua Goiás, 132
20756-120 Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-1401 - Fax 2224-2693 E-mail: amorim@ibpinet.com.br